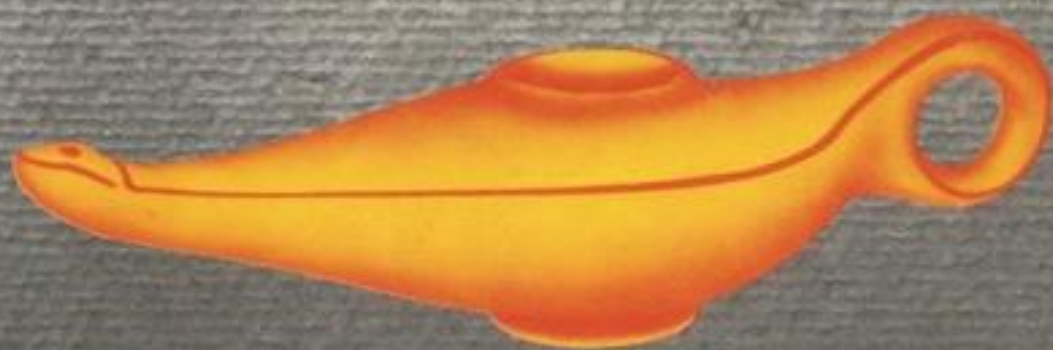


CARLOS  
BERNARDO LOUREIRO

ELUCIDAÇÕES  
KARDECISTAS



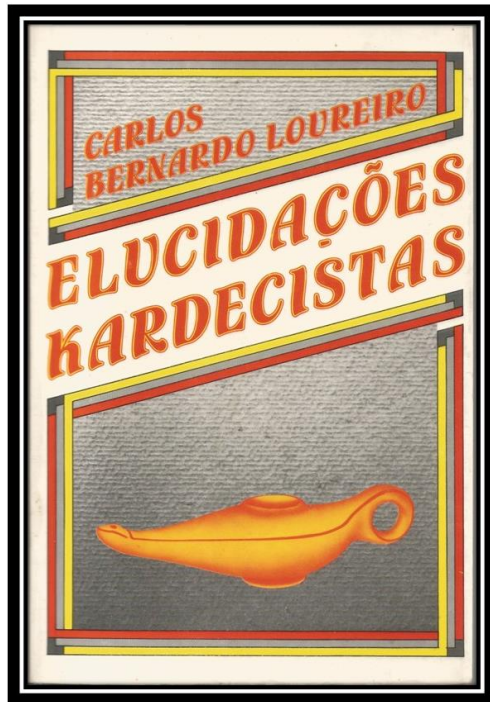


Foto do pesquisador  
Carlos Bernardo Loureiro

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>A LEI DO TRABALHO</b> .....	5
<b>A VOLUNTÁRIA MENDICIDADE</b> .....	9
<b>MÉDIUM E MEDIUNIDADE</b> .....	10
<b>ESPIRITISMO E MEDIUNIDADE</b> .....	11
<b>MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS</b> .....	13
<b>O MÉDIUM</b> .....	14
<b>DA OBSESSÃO</b> .....	15
<b>O CENTRO ESPÍRITA</b> .....	16
<b>REVELAÇÕES DO ESPÍRITO JACQUES LATOUR</b> .....	18
<b>O LIVRO DOS ESPÍRITOS</b> .....	22
<b>POBRES DE ESPÍRITO</b> .....	24
<b>EXISTÊNCIA DE DEUS</b> .....	26
<b>EXISTÊNCIA DE DEUS</b> .....	26
<b>QUALIDADE OCULTA NOS FENÔMENOS MEDIANÍMICOS</b> .....	32
<b>A MEDIUNIDADE NAS CRIANÇAS</b> .....	34
<b>DELANNE NOS NARRA:</b> .....	35
<b>A LEI DE IGUALDADE</b> .....	36
<b>TODOS OS HOMENS SÃO SUBMETIDOS ÀS MESMAS LEIS NATURAIS</b> .....	38
<b>DA ANTROPOFAGIA À RAZÃO</b> .....	41
<b>EVOCAÇÃO DO ESPÍRITO ALEXANDRE HUMBOLDT</b> .....	43
<b>ESQUECIMENTO DAS EXISTÊNCIAS PASSADAS</b> .....	47
<b>PROJETO DE KARDEC DE 1868</b> .....	49
<b>AMAI OS VOSSOS INIMIGOS</b> .....	52
<b>A ALMA ANIMAL</b> .....	53
<b>CONCEITO DE PERISPLRITO</b> .....	58
<b>CONCEITO DE PERISPÍRITO ATRAVÉS DOS SÉCULOS</b> .....	58
<b>FORMA DO PERISPÍRITO</b> .....	60
<b>DURAÇÃO DO PERISPÍRITO</b> .....	60
<b>EXPERIÊNCIAS QUE COMPROVAM A EXISTÊNCIA DOS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS:</b> .....	60
<b>O LIVRO DOS ESPÍRITOS - 130 ANOS DEPOIS -</b> .....	61
<b>ALLAN KARDEC</b> .....	64
<b>EVOCAÇÃO DE ESPÍRITOS</b> .....	66
<b>O PRIMADO DA RAZÃO</b> .....	68
<b>ENSAIO TEÓRICO SOBRE A SENSAÇÃO NOS ESPÍRITOS</b> .....	69

<b>FATALIDADE E LIVRE-ARBÍTRIO</b> .....	72
<b>A ENCARNAÇÃO DE ESPÍRITOS</b> .....	74
<b>A MORAL E A INTELIGÊNCIA</b> .....	77
<b>AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE</b> .....	79
<b>O QUE É DEUS</b> .....	84
<b>A TESE DE CÁRITAS</b> .....	85
<b>A INICIAÇÃO DE ALLAN KARDEC</b> .....	87
<b>O SILÊNCIO DA CONSCIÊNCIA</b> .....	91
<b>OS ESPÍRITOS GLÓBULOS</b> .....	92
<b>ENSAIO SOBRE O PRINCÍPIO DO POVOAMENTO DA SOCIEDADE</b> .....	96
<b>O EMPREGO DA RIQUEZA</b> .....	101
<b>A PARABOLA DOS TALENTOS</b> .....	102
<b>A HISTÓRIA DO MENINO MARCELO</b> .....	104
<b>CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS</b> .....	106
<b>A ESMOLA</b> .....	108
<b>COMUNICAÇÃO À BEIRA DO TÚMULO</b> .....	110
<b>A NOMENCLATURA ESPÍRITA</b> .....	112
<b>AGÊNERE</b> .....	113
<b>APARIÇÃO ESTEREOLÓGICA</b> .....	113
<b>APARIÇÃO ETÉREA</b> .....	113
<b>CLARIVIDÊNCIA</b> .....	113
<b>ERRATICIDADE</b> .....	113
<b>ENCARNAÇÃO</b> .....	113
<b>EXPIAÇÃO</b> .....	114
<b>ÊXTASE</b> .....	114
<b>INVOCAÇÃO E EVOCAÇÃO</b> .....	114
<b>LIVRE-ARBÍTRIO</b> .....	114
<b>MANIFESTAÇÃO</b> .....	114
<b>MEDIANIMIDADE</b> .....	115
<b>MÉDIUM</b> .....	115
<b>PERISPÍRITO</b> .....	115
<b>PNEUMATOGRAFIA</b> .....	115
<b>PNEUMATOFONIA</b> .....	116
<b>PSICOGRAFIA</b> .....	116
<b>PSICOFONIA</b> .....	116
<b>REENCARNAÇÃO</b> .....	116



SEGUNDA VISTA.....	116
SEMATOLOGIA.....	116
SONAMBULISMO.....	117
SONILOQUIA.....	117
TRANSFIGURAÇÃO.....	117
ANTE O TÚMULO DE ALLAN KARDEC.....	118
EDUCAÇÃO — CHAVE DO PROGRESSO MORAL.....	121
A BICORPOREIDADE.....	122
INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO.....	126

## INTRODUÇÃO

*A idéia de se escrever um trabalho, em pequenos fascículos, sobre o que se insere no bojo da Codificação do Espiritismo, vem de quase duas décadas. Somente foi possível nos albores dos anos 80, quando o distinto confrade Divaldo Franco, representando a valorosa equipe da Revista PRESENÇA ESPÍRITA, convidou-nos a assinar, no órgão oficial do Centro Espírita “Mansão do Caminho”, uma coluna a que se deu o título de ELUCIDAÇÕES KARDECISTAS.*

*Esses escritos não esgotam o assunto de que tratam. São, na verdade, um incentivo àqueles que pretendam aprofundar-se no cerne das postulações firmadas pelos Espíritos e pelo próprio Allan Kardec.*

*Ê evidenciada, nos textos ora submetidos à reflexão do público, a participação do autor, que neles interfere sem quaisquer pretensões de complementar os conceitos expendidos pelos Espíritos e por Allan Kardec. Servem, apenas, de ponte entre as lúcidas perguntas do mestre lionês e as entidades espirituais.*

*Ê trabalho, diríamos, para os não profíctos do Espiritismo, não afeitos à sua nomenclatura, pontilhada de neologismos. Ademais,*

*as idéias e pontos de vista dos Espíritos e de Kardec muita vez contrariam certos e estratificados valores que têm força e normatividade no âmbito social. Despojar-se desses valores não é tarefa fácil; não se podem erradicar poderosos condicionamentos culturais da noite para o dia. Daí por que o pretendente a incursionar pelo mundo intrigante das letras espíritas deve estar predisposto a sofrer um como processo de “mutação ideológica”. Do contrário, ficará, apenas, ao arrepio dos postulados espiritistas. Assim sucedeu com o Cristianismo. Quando o Mestre Jesus lançou a Boa Nova no seio conturbado da sociedade de Seu tempo, suscitou uma espécie de convulsão cultural que O levou inexoravelmente ao sacrifício no madeiro infamante. O Amor que pregava entrou em choque com o Ódio institucionalizado. As suas Parábolas causavam um misto de admiração e espanto e de irrefreável expectativa. E a matéria-prima das Parábolas do Mestre Galileu eram os próprios sentimentos que vigem nos recessos do ser espiritual, criado simples e ignorante. Ele mesmo fornecia à inteligência arguta do filho de Maria o de que ele precisava para lhe apontar os caminhos da redenção espiritual.*

*Os ensinamentos dos Espíritos superiores da Codificação repousam nos alicerces inamovíveis dos princípios luminosos do Cristianismo, e este, por sua vez, tem como ponto de partida os valores autênticos das velhas escrituras. Estas foram a pergunta que o homem fez a Deus; o Cristianismo, a resposta de Deus ao homem e o Espiritismo, a síntese maravilhosa desse diálogo entre o homem e Deus, na concepção de esclarecido mentor espiritual.*

## **A LEI DO TRABALHO**

O capítulo III de O LIVRO DOS ESPIRITOS trata da Lei do

Trabalho. Allan Kardec e os Espíritos abordam alguns dos mais importantes aspectos da atividade laborai. Isto, em 1857, data do lançamento do livro primeiro da Codificação Kardequiana, quando, praticamente, inexistiam ordenamentos jurídicos reguladores do trabalho humano, salvo, apenas, um “direito ao trabalho”, contido na Constituição Francesa de 1848, de contornos imprecisos. Projetaram-se, pois, no tempo e no espaço, as considerações do Codificador e das Entidades comunicantes, para enunciar normas e dispositivos concernentes aos direitos e deveres tanto do empregado como do empregador, somente consagrados muitos anos depois, com o evoluir do processo da industrialização.

E foi mais além, admitindo que as relações individuais e coletivas de trabalho também se acham amparadas por leis transcendentais. Significa dizer que o trabalho, além do seu aspecto sócio-econômico, possui uma profunda e causai conotação espiritual, sendo, neste caso, “uma expiação e, ao mesmo tempo, um meio de aperfeiçoar a inteligência do homem”.

Mais adiante, tratando do limite do trabalho e do repouso, este foi considerado, pelos Espíritos, como uma lei da natureza, aduzindo: “O repouso serve para reparar as forças do corpo, e é também necessário a fim de deixar um pouco mais de liberdade à inteligência, para se elevar acima da matéria.” E, “quem abusa da autoridade para impor aos seus inferiores um excesso de trabalho?” — indaga Kardec. — “É uma das piores ações. Todo homem que tem o poder de dirigir é responsável pelo excesso de trabalho que impõe aos seus inferiores, porque transgride a lei de Deus”, respondem os Mensageiros Superiores.

Ainda no mesmo Capítulo, referem-se, os Espíritos, instados por Kardec, sobre o amparo àqueles que atingiram a velhice e não podem mais trabalhar. É, diríamos, uma antevisão do Instituto de Previdência Social, hoje uma realidade, e que teria seus pródomos 34 anos depois de dado a lume O LIVRO DOS ESPÍRITOS, com a instituição dos Seguros Sociais, surgidos sob a inspiração de Bismark, o grande gênio político da Alemanha.

Eis, a propósito, o diálogo entre Kardec e os Espíritos:

“— O homem tem direito ao repouso na sua velhice?

— Sim, pois não está obrigado a nada, senão na proporção de suas forças.

— Mas o que fará o velho que precisa trabalhar para viver, e não pode?

— O forte deve trabalhar para o fraco; na falta da família, a sociedade deve ampará-lo; é a lei da caridade.”

Compulsando os textos trabalhistas atuais, bem como a legislação previdenciária, vamos encontrar, guardadas, naturalmente, as devidas proporções, as disposições contidas em O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, tutelando tanto as relações do trabalho, especialmente no Capítulo II, da C. L. T., quanto ao que se insere, em essência, no contexto do Instituto da Previdência.

Nossos apontamentos estão longe de esgotar o momentoso assunto, que é vasto e pleno de implicações. Mas, pelo menos, mostram que a Codificação Espírita, por sinal uma ilustre desconhecida da maioria das pessoas, encerra, em seu bojo, importantes e surpreendentes considerações sobre o processo da vida,



em suas variadas dimensões, no plano do relacionamento social. Quando os Espíritos respondem a Kardec que o amparo social aos incapazes de trabalhar *é a lei da caridade*, deram, já àquela época, uma configuração jamais cogitada por qualquer doutrina religiosa ou filosófica. A *Rerum Novarum* surgiria, ressalte-se, quase ao mesmo tempo dos Seguros Sociais de Bismark, por volta de 1891!

E a caridade preconizada pelos Espíritos, tem o seu alicerce na fraternidade. Aliás, este conceito viria a ser distendido, com maior clareza e profundidade, pelo próprio Kardec, quando de suas viagens, nos idos de 1862, às cidades de Lyon e Bordeaux. Naquelas oportunidades, o mestre lionês expunha seus pontos de vista a respeito, afirmando, categoricamente, que: (...) “Sem caridade, não há instituição humana estável! E não pode haver caridade nem fraternidade, na verdadeira acepção do termo, sem a crença”. E completa... “A falta de crença conduz ao materialismo, e o materialismo ao egoísmo” (in VIAGEM ESPÍRITA EM 1862 — Editora O CLARIM).

Aí está, pois, o fulcro da questão — a crença em Deus e na imortalidade pessoal, de onde dimanam as manifestações puras de altruísmo e, conseqüentemente, de amor ao próximo, ponto de partida para o estabelecimento de uma Sociedade justa e equilibrada, em que todos possam ter condições de viver com dignidade, dentro de um clima de respeito aos direitos humanos que são, em última instância, os direitos do Espírito, “centelha divina” que, neste Orbe, luta, lado a lado, para a conquista definitiva dos valores capitulados na Lei Natural, “a única necessária à felicidade do homem; ela lhe indica o que ele deve fazer ou não fazer, e ele só se torna infeliz porque dela se afasta”. — O LIVRO DOS ESPÍRITOS — Capítulo I.

## A VOLUNTÁRIA MENDICIDADE

Em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, depara-se com esta colocação atribuída ao Espírito Lacordaire: “O Senhor não manda ninguém desprover-se do que possua para se reduzir a voluntária mendicidade, porque então seria uma carga para a sociedade.”

Fico a meditar, profundamente, sobre essa sentença do ex-clérigo francês, um dos mais fecundos colaboradores de Allan Kardec no processo de codificação dos princípios espíritas. Que acham vocês, prezados leitores, que julgam ser a caridade o desprendimento absoluto, irrestrito, dos bens materiais? Antes de responder a esta indagação, pensem, amadurecida e demoradamente. De minha parte, considero justo e certo que atendamos, pelos meios cabíveis, às necessidades dos “menos favorecidos”, no caso que possuamos condições. Possuindo-as, devemos nos despojar de todos os nossos haveres, doando-os, incondicionalmente? Pelas recomendações do Espírito Lacordaire, seria insensato, abdicarmos, *in totum*, de nossos haveres, constituindo-nos uma carga para a sociedade.

Deve-se praticar a caridade, sem dúvida, esta caridade material de que trata a esclarecida entidade, mas com parcimônia, com equilíbrio, pois não se quer “sacrifício, mas misericórdia”. Do contrário, perpetrar-se-ia um ato destituído de bom-senso, que levaria o incauto, embora bem intencionado, às barras da miséria, tornando-se, de uma hora para outra, tão carente quanto aquele a quem atendeu. Que lucro, em termos espirituais, alcançaria o pródigo? Será que o progresso moral de que nos falam os bondosos Espíritos somente será

possível atingir, em sua plenitude, em situações de extrema e voluntária miséria? Penso, de mim para comigo, que não. A pobreza, muitas vezes, é fator de regeneração do Espírito, que fez da opulência o *leitmotiv* de sua existência terrena, assim como a abundância é, diria, um grande teste à capacidade de discernimento e equilíbrio. Logo, desfazer-se de todo, da riqueza, pode constituir-se não exatamente um ato de caridade, mas, uma espécie de fuga. Liberando-se, o Espírito, daquela responsabilidade que lhe pesa aos ombros, imagina que a pobreza implicaria livrá-lo dessa carga. Ledo e perigoso engano. Essa atitude pode lhe acarretar sérios prejuízos de ordem moral. Passar à condição de “assistido”, não lhe trará méritos, conquanto sofra os estigmas da fome e da humilhação. E se não soube ser rico, não saberá ser pobre. Descambará ou no conformismo, que estiola, ou na revolta, que embrutece. Daí por que a importância de que se revestem os ensinamentos espíritas que podem levar a conscientizar-se de sua posição no mundo, ajudando-o a operacionalizar seu livre-arbítrio à luz da razão e do amor ao próximo, aquela razão e aquele amor que têm por alicerce o equilíbrio, ou, como disse um dia um grande filósofo, a virtude, que está no meio, entre o exagero e a escassez.. .

## MÉDIUM E MEDIUNIDADE

INTRODUÇÃO — A mediunidade existe desde o momento em que o homem começou a participar do processo da vida.

A mediunidade, pois, através do tempo, possibilitou a que os Espíritos esclarecidos (gênios tutelares) desenvolvessem atividades de apoio e orientação, necessários ao progresso da Humanidade.

As principais filosofias antigas registram fatos mediúnicos de

grande importância, numa prova de que a comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual é uma realidade.

Com o Cristo, há quase dois mil anos, a mediunidade foi apresentada sob um novo prisma. Os fenômenos mediúnicos se sucederam de forma muito natural, desde quando foi anunciada a sua vinda. Ê o anjo que aparece a Maria (aparição) anunciando-lhe que seria Mãe de Jesus. Posteriormente, surge o Cristo, realizando todo um trabalho de cunho eminentemente mediúnico, desde as materializações no Monte Tabor até às práticas desobsessionais, fazendo como que da planície e das praças públicas o seu grande Centro.

Mais tarde, todo o processo culminaria no aparecimento de Jesus perante os apóstolos, ratificando, nos últimos momentos que passou no plano Terra, que era, sem dúvida, o “médium de Deus”.

Com Allan Kardec, entretanto, a mediunidade veio a ser estudada racionalmente. Os Espíritos da Codificação trouxeram ao conhecimento humano toda uma gama de ensinamentos contidos em O LIVRO DOS MÉDIUNS, leitura obrigatória para todos os que exercitam o medianato.

## ESPIRITISMO E MEDIUNIDADE

Muita gente confunde a prática mediúnica com Espiritismo, o que é não só um erro, como demonstra ignorância tanto de uma como de outra. Mediunidade é faculdade inerente aos seres humanos, independentemente das vinculações e predileções filosóficas de seus portadores. E a mediunidade não “respeita” credos nem ideologias, como provam as vidas dos santos, nem perseguições sistemáticas e

cruéis conseguem extingui-la. Durante os negros anos de superstição religiosa da Idade Média, inúmeros médiuns foram queimados e torturados com todo o sadismo de que os padres da “Santa Inquisição” eram capazes, pelo crime de possuírem faculdades incomuns; e nem por isso deixou de haver médiuns... No seu livro *Dialética da Natureza*, Friedrich Engels, o parceiro de Marx na elaboração do Comunismo, “provou” que a mediunidade era invenção burguesa para distrair o proletariado dos problemas da luta de classes; e a Enciclopédia Soviética de 1956 afirma com relação à telepatia: “Telepatia é uma anti-social e idealista ficção sobre os poderes sobrenaturais do homem para perceber fenômenos, os quais, considerando-se tempo e lugar, não poderiam ser percebidos.” Apesar disso, Wolf Messing, médium materialista, provou ao próprio Stalin e aos soviéticos de um modo geral que o homem possui poderes supranormais, e é interessante notar que, ironicamente, foram eles os primeiros a fotografar a aura vital (kirliangrafia) e estão empregando dinheiro e tecnologia nas pesquisas psíquicas, as quais sempre terminam por destruir o materialismo (o Dr. Rhine, já desencarnado, está praticamente marginalizado na sua parapsicologia, por ter chegado à conclusão de que existe uma alma imortal).

O caráter evolutivo da mediunidade é facilmente compreensível se raciocinarmos que ela é uma faculdade físico-psíquica, como são as faculdades artísticas de um modo geral, que independem do querer e são inatas. Elas existem independente de cultivo, e, vez por outra, podem-se manifestar.

Já o Espírito é um fato cultural, uma estrutura teórica que busca estabelecer uma explicação lógica para os fenômenos universais, E aí reside toda a diferença. Um é fato e o outro teoria. Sem dúvida, o fato

gerou a teoria, mas esta o superou em transcendência, adquirindo dimensões próprias.

## MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

As manifestações espíritas se desenvolvem, basilarmente, em dois planos:

Manifestações ostensivas — provocadas por inteligências desencarnadas, utilizando-se do concurso de um médium. Tais manifestações serão tanto mais eficazes ou acintosas, quanto os potenciais mediúnicos do sensitivo. Significa dizer que a grandeza do fenômeno está na razão direta da potencialidade da causa principal.

Quando falamos de causa principal, reportamo-nos às sessões de materialização realizadas em grande escala por notáveis pesquisadores da fenomenologia espiritista. Em tais reuniões, os Espíritos chamados químicos ou construtores se utilizam do ectoplasma da fonte principal — o médium de efeitos físicos — e de fonte acessória, que são os assistentes. Na economia ectoplasmática, todos participam, na sessão, para a sua eficácia. Daí, vale assinalar, os participantes de tais reuniões devem adotar posturas mentais compatíveis com o trabalho a ser executado.

Uma das mais notáveis experiências no campo das manifestações espíritas ocorreu sob a orientação do Dr. W. Crookes, notável cientista inglês, que conseguiu, através da médium Florence Cook, materializações de Espíritos, em que se destaca a personalidade que se chamou Kate King. Atualmente, porém, tais experimentos não são mais levados a efeito com tanta frequência.



## O MÉDIUM

O médium é um elemento que não surgiu quando do advento da Doutrina Espírita. Ele existe desde épocas imemoriais. O médium, como o nome está dizendo, é aquele que constitui o elo entre os planos físico e espiritual, sob múltiplos aspectos.

Existem vários tipos de médiuns. Os que se incorporam à Doutrina e entram em contato com a problemática mediúnica têm condições de disciplinar a sua faculdade, pelo estudo e pela orientação que recebem, tornando-se, assim, elementos utilíssimos, não simplesmente para a Doutrina, mas, sobretudo, para si mesmos, como também, para as entidades encarnadas e desencarnadas, notadamente as que se encontram em conflito, presas do sofrimento, da dor, da desilusão etc.

“Este é o médium que achou melhor acender uma vela a permanecer na escuridão.”

Entretanto, há os que, desconhecendo a própria Doutrina dos Espíritos, emaranham-se nos labirintos da mediunidade desorientada, sendo, assim, levados aos “bastidores da obsessão”. Infelizmente, a sua chegada à Doutrina, após dolorosa peregrinação, dá-se de uma maneira compulsória, trazidos, quando isto acontece, pela necessidade do alívio e do equilíbrio.

“ — Qual seria o médium que poderíamos considerar perfeito?

— Perfeito? É pena, mas bem sabes que não há perfeição sobre a Terra. Se não fosse assim, não estarias nela.”

Observe-se que a resposta dos Espíritos inclui o próprio

Codificador como imperfeito. Que dizer dos médiuns que hoje se julgam perfeitos?...

## DA OBSESSÃO

Desde o advento do Espiritismo, muito já se escreveu sobre a obsessão. Entretanto, é na Codificação Kardequiana que vamos encontrar os subsídios de que necessitamos para o conhecimento da problemática obsessional.

A obsessão apresenta três estádios:

- obsessão simples
- fascinação
- subjugação

*Obsessão simples* — não é tão grave. Todavia, devem-se tomar medidas acautelatórias, sob pena de esta assumir proporções que, realmente, venham a criar sérios transtornos;

*Fascinação* — envolve maior perigo. O fascinado não percebe que está sendo joguete de um mau Espírito, que lhe ganha a confiança. Fá-lo cair, não raro, no ridículo, e não adianta alguém chamar-lhe a atenção. O fascinado a ninguém dá crédito, e pensa estar agindo sob a orientação de Espírito esclarecido. Não é difícil encontrarmos médium desse tipo em nosso meio.

*Subjugação* — conhecida também, por possessão, é uma coação física, e, simultaneamente, moral, exercida por Espírito de má índole, “capaz — segundo Kardec — de neutralizar o livre-arbítrio”.

A subjugação suscita uma série de constrangimentos, manifestados através de acessos, gritos, palavras desconexas etc.

A sintomatologia da subjugação difere do estado patológico da loucura. Sendo diferente a causa, também o são os meios de cura. Contudo, a subjugação pode degenerar em função do tratamento e “transformar em verdadeira loucura aquilo que era apenas uma causa moral” — Allan Kardec.

Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interna, e, muitas vezes, repousa no desconhecido passado da alma encarnada, em sua vivência palingenésica. Na subjugação a causa é externa, combinada, às vezes, com fatores endógenos, e é necessário livrar o enfermo de um inimigo invisível. Aí, infelizmente, não adiantariam os recursos psiquiátricos; prevaleceria, sim, o trabalho de doutrinação sistemática, operacionalizada nos Centros Espíritas. Não seria, em absoluto, a adoção de práticas exorcistas que somente serviriam para agravar a situação, porque inócuas.

A terapêutica desobsessional visa afastar o Espírito subjugador, fazendo-o ciente do problema, que lhe, também, afeta, vez que lhe pode trazer imprevisíveis conseqüências. Eliminada a causa, cessam os efeitos. Normalmente, a subjugação é individual; no entanto, sucede ocorrer coletivamente. Há exemplo referido na “Revista Espírita”, de janeiro de 1863, quando uma pequena cidade da Alta Sabóia, sofreu, por muitos anos, o assédio de maus Espíritos, causando verdadeira epidemia.

## O CENTRO ESPÍRITA

Allan Kardec o idealizou como lugar de estudo dos fenômenos transcendentais, subordinando à pesquisa das verdades espirituais todas as suas atividades.

Na Europa, tal posição levou à aridez e ao elitismo intelectual, numa flagrante distorção do conceito kardeciano, que pretendia, na verdade, criar um ponto de encontro para estudos, mas onde, acima de tudo, pontificasse a fraternidade cristã.

O Centro Espírita deveria ser um local onde o estudo sempre teria de voltar-se para o aprimoramento global do indivíduo, já que o objetivo da Doutrina é a elevação da Humanidade.

Kardec, na sua visão precognitiva, sentia a necessidade da criação de inúmeros centros de pequeno porte, visando a uma maior difusão dos ensinamentos dos Espíritos, e, além do mais, por verificar que neles era mais fácil de se estabelecer uma harmonia vibratória favorável à produção fenomênica, bem como um efetivo exercício da fraternidade.

Chegamos, pois, à conclusão de que o Centro Espírita possui dois objetivos principais:

- cultural
- ético

Como objetivo cultural, tem que desenvolver estudos teóricos e práticos da Doutrina, para criar nos frequentadores uma idéia clara e lúcida dos princípios doutrinários, inculcando, também, aquela fé racional que “encara a razão face a face em todas as épocas da Humanidade”.

Como objetivo ético, visa reeducar a criatura pregando a moral cristã, descortinando-lhe uma nova perspectiva no relacionamento social e a possibilidade do desenvolvimento de uma mundividência

escoimada das distorções egocêntricas comuns.

Procuramos, então, transformar os nossos Centros Espíritas em células ativas de estudo e cristianização, plantando, assim, as sementes da futura civilização cristã.

## REVELAÇÕES DO ESPÍRITO JACQUES LATOUR

Do Capítulo VI, do livro O CÉU E O INFERNO ou A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO, edição LAKE, pinçamos alguns dos mais importantes trâmites das revelações do Espírito Jacques, “assassino condenado pelo júri de Foix (França) e executado em setembro de 1864”.

As confissões de Latour foram colhidas em uma reunião íntima de sete a oito pessoas, realizada em Bruxelas, Bélgica, a 30 de setembro de 1864, no mesmo mês e ano de sua violenta e compulsória desencarnação na guilhotina. De início, pediu-se a um médium que tomasse do lápis, sem que houvesse, de antemão, especial evocação. A manifestação não se fez esperar — de repente, o médium agitou-se e começou a traçar, febrilmente, grossos caracteres no papel, rasgando-o, em seguida, e exclamando: “arrependo-me! Latour!” A intempestiva comunicação psicofônica surpreendeu a todos. Perguntou-se ao Espírito qual o motivo de ele ter-se apresentado ali, de preferência, e não em outro lugar. E, através do médium, respondeu: “Vi que, almas compassivas, teríeis piedade de mim, ao passo que outros ou me evocavam mais por curiosidade, ou de mim se afastavam horrorizados.” E o médium, presa de grande excitação, deixava fruir, com voz entrecortada de soluços, as atormentadas exclamações do Espírito, comovendo os presentes: “Oh! sim, piedade... muito necessito dela.. . Não sabeis o que sofro... Não o

sabeis e não podereis compreendê-lo. É horrível! A guilhotina!... Que vale a guilhotina, comparada a este sofrimento de agora? Nada! É um instante. Este fogo que me devora, sim, é pior, porque é uma morte contínua, sem tréguas nem repouso... sem-fim! E as minhas vítimas ali estão ao redor, a mostrar-me os ferimentos, a perseguir-me com seus olhares... ” E não pára aí o Espírito, prosseguindo na sua fala, sempre entremeada de pungentes exclamações: “Acreditava-me morto, e estou vivo! Horrendo! mais horrendo que todos os suplícios da Terra! Ah! se todos os homens pudessem saber o que há para além da vida, saberiam também quanto custam as conseqüências do mal! Certamente não haveria mais assassínios, nem criminosos, nem malfeitores!” E, adiante, apela, patética, mas sinceramente, para Deus: “Meu Deus, eu sou grande criminoso! Agora o compreendo. Mas... não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, isto é, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente! Piedade, Senhor! Piedade! Eu vo-lo peço, não sejais inexorável; libertai-me desses olhares odiosos, desses espectros horríveis...”

Os assistentes sensibilizados ante o angustioso arrependimento de Jacques Latour, dirigiam-lhe palavras de consolo e esperança, transmitindo-lhe a certeza de que a Justiça Divina jamais é inflexível, e sempre faculta novas oportunidades de resgate. Necessário, porém, advertiram, que o culpado demonstre firme vontade de reparar os males cometidos. Tocado pelas bondosas ponderações dos doutrinadores, o Espírito, mais calmo, dirige-se a Deus: “Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! Tivestes piedade de mim... Eis que se afastam os espectros... Não me abandonéis; enviai-me os vossos bons Espíritos para me ampararem... Obrigado!...”

Jacques Latour retornou em reunião realizada no dia seguinte,



ainda um tanto perturbado, para agradecer ao médium e aos presentes a carinhosa e elucidativa recepção que tivera, encerrando a comunicação com estas palavras: “Obrigado! Obrigado! que já sinto algum alívio, se bem não tenha atingido o fim das provações. As minhas vítimas voltarão dentro em breve. Eis a punição a que fiz jus, mas Deus, sede indulgente!”

A esta comunicação sucederam-se várias outras, em que o Espírito ia contando, em resumo, as etapas de sua atribulada existência, ao tempo em que se referia a certos e distorcidos dispositivos da justiça humana, “que leva o homem ao cárcere, que não deixa de ser um foco de perversão. Daí sai ele completamente corrompido pelos maus exemplos e conselhos”. Reporta-se, por outro lado, às barreiras que o ex-presidiário enfrenta na Sociedade. “Que lhe resta pois?” Indaga-se, e ele próprio responde: “O desprezo, a miséria, o abandono e o desespero.” Então — prossegue — a miséria o leva a extremos e é tomado de desprezo pelos semelhantes, vem a odiar e perde a noção do bem e do mal, porque, não obstante as suas boas intenções, se encontra repellido. Para angariar o necessário, rouba, mata, às vezes, e depois... depois o executam!

O desabafo de Jacques Latour é, em verdade, um duro libelo aos preconceitos sociais à figura do egresso dos presídios. Aliás, esses preconceitos ainda vigem em nosso tempo, talvez com maior intensidade. O ambiente carcerário vivido por Latour nos idos de 1864, prevalece até hoje. Em nosso país particularmente, a vida nas casas de reclusão e detenção é um verdadeiro inferno, onde a corrupção moral e material atinge índices alarmantes. E as rebeliões se sucedem, causando mortes e depredações. Essas criaturas, além de seus tormentos conscienciais, sofrem o repúdio dos familiares e da

sociedade em geral, sendo muito difícil a sua reintegração ao grupo a que pertenciam. Marginalizam-se, criando comunidades voltadas para o crime de toda a espécie. Latour seria o retrato vivo dessa realidade de seu tempo, que se projeta, *mutatis mutandis*, à nossa época.

Kardec, em seguida, analisa o conteúdo das comunicações de Jacques Latour, chamando a atenção para o fato de que “o Espírito só compreende a extensão dos seus malefícios depois que se arrepende dos seus crimes. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral.” Entretanto, conclui: “Não basta o arrependimento, apenas, sendo este o primeiro passo para a reabilitação que atrai a divina misericórdia. O arrependimento é o prelúdio do perdão, o alívio dos sofrimentos, mas porque Deus não absolve incondicionalmente se torna mister a expiação e principalmente a reparação.” Estas se configuram, objetivamente, pela reencarnação, que possibilita ao Espírito reabilitar-se de suas faltas, em outros corpos, e, de ordinário, na mesma sociedade em que viveu, que desconhece (e o próprio Espírito) que ali está retornando aquela mesma criatura antes rejeitada e execrada pelos preconceitos, embora arrependida e quite com a justiça dos homens. A reencarnação, destarte, é o sábio e renovador instrumento da Lei Divina, que funciona a benefício do Espírito e do próprio grupo social. E acreditamos que o ser humano ainda não está preparado para aceitá-la, porque, também, não se encontra em condições de dar crédito a quem, em vida transata, cometeu crimes, tal como Latour. Reconhecendo-o, o alijariam de seu convívio, vez que os critérios de julgamento adotados distanciam-se, e muito, do que recomendam os

ordenamentos superiores da fraternidade, conquanto sejamos, todos, neste planeta de provas e expiações, grandes devedores da Justiça Divina.

## O LIVRO DOS ESPÍRITOS

*Código de uma nova fase da evolução humana*

Há 127 anos Allan Kardec lançava, em Paris, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, obra fundamental do Espiritismo.

Seria, talvez, demasiado contar, em minudências, o que sucedeu após o lançamento da Obra. Sabe-se, porém, que suscitou grandes celeumas, porque ele surgia em uma época assaz conturbada por uma série de ideologias as mais desencontradas possíveis. O homem, contemporâneo de Allan Kardec, liberto das correntes dogmáticas, iniciava-se nos caminhos da investigação científica e das conquistas tecnológicas. Julgava-se, em princípio, que Kardec estaria revivendo o “sobrenatural”, ou seja, “tudo que é ligado à ação da graça divina, por estar acima da essência e do agir da criatura”, ou ainda, “aquilo que é superior à natureza”.

Estavam redondamente enganados esses contraditores da Doutrina nascente, por absoluta ignorância do conteúdo do livro maior da Codificação kardequiana, cujos princípios tratavam da imortalidade da alma. A natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais e o porvir da Humanidade. E todos esses princípios fundamentavam-se na Lei Divina ou Natural, e não sobre abstrações metafísicas, até então apanágios de certas e incoerentes concepções religiosas.

“Com este Livro — diria Herculano Pires —, a 18 de abril de 1857, raiou para o mundo a era espírita. Nele se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Pa- racleto ou Espírito Verdade. Dizer isso equiivale a afirmar que O LIVRO DOS ESPÍRITOS é o código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história do pensamento.” (In Introdução à 39.<sup>a</sup> edição LAKE)

Esse “código de uma nova fase da evolução humana” não seria, como tal, reconhecido. Rejeitaram-no, sem contemplação. Mas, “Allan Kardec se defendeu admiravelmente da pecha de haver escrito sob influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e severo, observara os fatos e das observações deduziu as leis que os regem; foi o primeiro que, a propósito desses fatos, estabeleceu teoria e construiu um corpo de doutrina, regular e metódico. Demonstrando que os fatos, falsamente chamados sobrenaturais, são sujeitos a leis, os subordinou à categoria dos fenômenos da natureza, e fez ruir, assim, o último reduto do maravilhoso, que é uma das causas da superstição”. *Revue Spirit* — maio 1869).

Destarte, O LIVRO DOS ESPÍRITOS ia de encontro, simultaneamente, às teses dos “doutores do Templo” e das Academias. De um lado, punha por terra todo um patrimônio de superstição e de tendenciosas postulações exegéticas; e, de outro lado, “etablir les fondements d’une philosophic rationelle, degagée des prejugs de l’esprit de systhème”, o que, em suma contrariava a ortodoxia científica e filosófica.

E após mais de um século, O LIVRO DOS ESPÍRITOS

permanece incólume em seus fundamentais princípios. E quanto aos ataques que ainda sofre, permitimo-nos finalizar com estas palavras de Santo Agostinho dirigidas a Kardec, incluídas em a Conclusão de O LIVRO DOS ESPÍRITOS: “Não vos inquieteis com a oposição, tudo o que fizerem contra vós se tornará em vosso favor e os vossos maiores adversários servirão à vossa causa sem o querer. Contra a vontade de Deus a má vontade dos homens não poderá prevalecer. E a Doutrina Espírita foi ditada ao homem por vontade de Deus. ..

## POBRES DE ESPÍRITO

As palavras de Jesus são eternas, porque são a verdade. Não são somente a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranqüilidade do homem entre as coisas da vida terrena.

No Capítulo VII de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, há contida fecunda dissertação sobre o significado da máxima — “Bem-aventurados os pobres de espírito”.

Preliminarmente, o que se deve entender por pobre de espírito?

Costuma-se atribuir o epíteto aos tolos e aos crédulos. Ouve-se, então, alguém afirmar, até com certo menosprezo: “Fulano é um pobre de espírito!...”

Mas, e como vem explicado no referido Capítulo — (...) “Por pobres de espírito, entretanto, Jesus não entende os tolos, mas os humildes, e diz que o Reino dos Céus é destes e não dos orgulhosos”. Assim, interpreta-se o enunciado crístico de modo diferente, porque, acreditamos, muitos não se preocupam em, pelo menos, passar uma vista d’olhos nas páginas evangélicas, preferindo definir os seus

ordenamentos a seu bel-prazer. Na verdade, o Código de Moral legado pelo Consolador à Humanidade, é, infelizmente, um ilustre desconhecido da maioria das pessoas. Raros são os que o lêem; raros, ainda, os que tentam pautar as suas vidas pelo que ensina. E estes são, geralmente, tidos como “pobres de espírito”, por aqueles outros que se julgam bastante inteligentes para darem crédito às coisas que, segundo pensam, são boas apenas, para os simples e ingênuos. O velho e todo poderoso orgulho impede que a maioria dos homens desça de seu pedestal e admita a grandiosidade e a força regeneradora dos postulados cristãos. Perfilham os seus próprios conceitos sobre a vida e o porquê da vida; defendem ideologias elaboradas à luz difusa de questionáveis valores; deixam-se embair pelo “canto de sereia”, dos prazeres transitórios e moralmente comprometidos; canalizam os frutos do intelecto para os vórtices da beligerância. Depois, quando vivenciam dores e reveses, imaginam-se infelicitados pela sorte, ou, então, consideram-se injustamente punidos atribuindo a Deus as causas dos seus males. Pudessem olhar para trás, e sentiriam que eles mesmos foram os construtores de suas infelicidades, no exercício do livre-arbítrio. É que “a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”, na oportuna concepção de esclarecido Espírito. E é claro que quem “semeia ventos, colhe tempestades”, isto na concepção popular.

Todavia, é assim que aprendemos a valorizar a existência, neste plano de provas e expiações, que é uma das estâncias do processo de desenvolvimento das potencialidades espirituais, que jazem muitas ainda imotivadas, nos recessos do ser. Um dia, sem dúvida, seremos todos, e sob as graças de Deus, “pobres de espírito”!



## EXISTÊNCIA DE DEUS

Duas questões principais são objeto de Teodicéia: a da existência de Deus e a dos seus atributos.

### EXISTÊNCIA DE DEUS

Os argumentos sobre a existência de Deus fundamentam-se em quatro provas: metafísicas, morais, históricas e físicas. Essa classificação é, de ordinário, adotada pelos pensadores franceses à classificação em provas cosmológica, teológica e ontológica.

#### *Provas Metafísicas*

As provas metafísicas decorrem da análise e das idéias que constituem a razão.

Segundo Platão, há no pensamento humano um movimento ascendente, cujo termo é Deus. O nosso Espírito atravessa primeiro a esfera do sensível; sobe, em seguida, para o insensível, de onde se eleva à contemplação do universal, isto é, das idéias. As idéias são os termos eternos pelos quais existem as coisas passageiras. Formam entre si um mundo à parte, uma hierarquia, no vórtice da qual brilha um Deus absoluto. Santo Agostinho reproduziu a argumentação de Platão, emprestando-lhe maior precisão. “O homem só ama o que é bom.” Sendo, porém, as coisas desigualmente boas, para que possamos julgá-las é necessário que tenhamos impressa na nossa alma a idéia de um bem em si, regra invariável das diferenças que percebemos nos seres derivados. O bem em si, o bem absoluto é Deus. Descartes aplica esta argumentação à idéia de ser perfeito, insistindo sobre o fato da experiência interior que é a sua origem. “Eu sei, afirma, que existo, mas que sou eu? Um ser que duvida, isto é, um ser

imperfeito. Ora, eu não posso considerar a minha imperfeição sem conceber o ser infinitamente perfeito. E esta idéia não pode vir nem de mim mesmo, visto que sou imperfeito, nem do mundo exterior, que ainda é mais imperfeito. Deve-me ter sido dada pelo próprio ser perfeito.” Depois de semelhantes raciocínios, Fénelon concluiu: “Há um sol dos Espíritos que os ilumina muito melhor do que sol visível ilumina os corpos.”

### *Provas Físicas*

Os filósofos nelas se apóiam para mostrarem em Deus a causa da *ordem* e da existência do *mundo*.

#### 1 — *Ordem do Mundo*

E a prova das *causas finais* ou, segundo Kant, a prova *teleológica*. De todas é a mais antiga e também a mais popular. Fénelon, no *Tratado da Existência de Deus*, ressalta “a arte que splende em toda a natureza” e que revela “um desígnio seguindo, uma cadeia” de meios apropriados para tais fins. Tal ordem poderia ser resultado de uma combinação fortuita de átomos? Não, certamente, responde o iluminista, porque quem há de acreditar, por exemplo, que a *Ilíada*, de Homero menos bela seguramente e menos complicada que a máquina do mundo, possa ser produzida pela reunião fortuita de caracteres do alfabeto lançados no ar por acaso? Um edifício tão perfeito supõe um arquiteto divino.

Esse argumento era o preferido de Newton: “É absurdo — afirma ele nos seus *Princípios de Filosofia Natural* — supor que a necessidade preside ao Universo, porque sendo uma necessidade cega por toda a parte, a mesma em todo o tempo e em todos os lugares, a

variedade das coisas não poderia provir dela; e, por conseguinte, o Universo, com a ordem das suas partes apropriada à variedade dos tempos e dos lugares, só pode tirar origem de um ser primitivo tendo idéias e vontade.” Aos que objetam com as imperfeições do mundo, que parecem indignas de um operário divino, respondeu-se: “Todo o que não é Deus só pode ter uma perfeição limitada; a criatura seria o criador se nada lhe faltasse.” Ademais, em toda a obra devem-se julgar as partes em relação ao conjunto. Mas, quem somos nós para julgar o conjunto, o todo do Universo? Os defensores modernos do argumento teleológico afirmam: muitas coisas consideradas em diferentes épocas como imperfeições na Natureza só passariam por tais em virtude da ignorância.

### *Provas Morais*

São as provas oferecidas pelos dados da consciência: o fato característico da vida moral é a responsabilidade, ou seja, por um lado, a liberdade que faz o mérito ou o demérito do agente, por outro o dever, regra que se impõe pela sua própria autoridade e sem contestação. A presença nas consciências humanas desta lei universal, invariável e necessária, implica, naturalmente, a existência de um legislador absoluto e de um juiz eterno, diante do qual todos os seres morais são responsáveis.

Deve-se chegar necessariamente a um princípio independente do mundo que dá a existência a todos e não recebe de ninguém. Essa postulação seria justificada, por alguns pensadores, entre os quais o matemático Cauchy, do seguinte modo: “o conjunto dos seres que existem atualmente ou existiram pode ser representado por um número que a inteligência é impotente para calcular, mas de que a razão

concebe a possibilidade. Ora, um número não pode ser ao mesmo tempo concreto e indefinido”. É um teorema de Galileu: todo número concreto tem por ponto de partida uma unidade. É preciso, portanto, que o número dos seres passados e presentes comece por uma unidade. Essa unidade é Deus. “A causa primária — observa Leibniz — deve ser necessária, absoluta e perfeita. Deus — afirma o consagrado filósofo — é a primeira razão das coisas, porque as que são limitadas, como as que conhecemos, nada têm em si que tornem a sua existência necessária.”

### *Atributos de Deus*

A razão humana é incapaz de ter uma idéia adequada da suprema perfeição. Entretanto, pode-se especular a respeito. Descartes, a propósito, afirmava: — “É-me impossível abranger uma montanha, mas posso tocá-la.”

A filosofia espiritualista distingue em Deus atributos metafísicos e atributos morais.

### *Atributos Metafísicos*

1 — *Unidade* — Não existem dois seres infinitamente perfeitos.

2 — *Simplicidade* — “As composições — diz Fénelon — são reuniões de limites. O ser perfeito não pode ter partes. Tudo quanto é mais do que um é infinitamente menos um.” Destarte, todas as perfeições de Deus não fazem mais que uma. Atribuímos a Deus distinções tiradas de nossa apoucada concepção.

3 — *Imutabilidade* — O que por si não pode mudar porque tem sempre a mesma razão de ser, que é a sua essência. O que é

infinitamente perfeito nada pode adquirir; nada a perder, porque não pode decair.

A eternidade — é a conseqüência da imutabilidade. O tempo é a medida da mudança. Não há tempo em Deus, porque não há sucessão. Não há nEle nem passado, nem futuro.

### *Atributos Morais*

1 — *A sabedoria* — a sabedoria divina manifesta-se por dois caracteres: a grandeza dos fins e simplicidade dos meios.

2 — *A onipotência* — decorre da noção de causa primária.

3 — *A liberdade* — não poderia faltar a Deus, visto que é uma qualidade ou, segundo a Teodicéia, uma perfeição.

4 — *A personalidade* — a personalidade de Deus é absoluta e perfeita. Fichte argumentava que Deus não pode ser pessoal porque não é limitado e a essência da personalidade é a limitação do eu pelo não eu.

5 — *A providência* — é o atributo ou antes o conjunto dos atributos pelos quais Deus governa o mundo moral.

### CONCLUINDO:

Samuel Clarke (1705), em sua obra *Demonstração da Existência de Deus*, refuta Hobbes e Spinoza. Fundamentado nas demonstrações de Newton, S. Clarke observa que a matéria não é eterna e que o movimento não lhe pertence. Estabelece três princípios: 1.º há um ser eterno; 2.º o ser eterno é pessoal e imutável; 3.º ele existe por si mesmo. Em seguida, o filósofo proclama a imutabilidade da alma e o seu julgamento por Deus.

No *Tratado da Existência e dos Atributos de Deus*, o filósofo iluminista Fénelon, expõe as provas da existência de Deus, sustentadas no espetáculo da natureza e no conhecimento do homem. Os dois primeiros capítulos da obra tratam das maravilhas da Natureza e da alma humana. O terceiro capítulo contém uma refutação ao sistema epicurista. A segunda parte é dedicada às provas metafísicas da existência de Deus e ao estudo de seus atributos. Fénelon utiliza-se da “dúvida metódica” de Descartes para respaldar o seu próprio pensamento. Demonstra que Deus existe pela imperfeição do ser humano e pela idéia do infinito; refuta o *spinozismo*. Nesta obra Fénelon associa o brilho das descrições à sutileza da dialética.

Em verdade, o homem de todas as épocas busca, sempre, entender o porquê de sua existência. E ele levanta as mais contraditórias hipóteses a respeito. E por mais especule, duvidando ou não, o mistério da vida permanece insondável à sua percepção. Houve quem já disse, v.g., que Deus teria sido uma criação espetacular da mente humana. E se argumenta que Deus, “criado pelo homem” fora “morto” por ele próprio, conduzindo o teísmo às últimas conseqüências. Lembra-nos, a propósito, a história de um louco contada por Nietzsche, em *A GAIA CIÊNCIA*, página estupenda e misteriosa, que revela o drama do ser humano diante dos profundos problemas da existência. O certo é que nenhum filósofo ou pensador conseguiu, até hoje, apesar do brilhantismo de determinadas teses, estabelecer uma adequada definição do Criador. “Que é Deus?” — indagaria Kardec aos Espíritos.

### *Provas Históricas*

Esta prova que Cícero desenvolveu no seu livro *Da Natureza dos Deuses*, assenta sobre o consentimento universal dos povos: de referência à fé na existência de Deus, constata-se, nos diversos povos, um acordo tácito, unânime, diríamos, que faz da Humanidade como que uma só família. A fé religiosa á anterior a toda civilização; a história identifica, por toda a parte, Deus associado tanto às alegrias como às tristezas, aos sucessos e reveses da Humanidade. Esta crença, quaisquer que sejam os erros que a tenham obscurecido, longe de favorecer em si mesmas as paixões, combateu-as muita vez; só pode ter, portanto, como origem, os princípios que o próprio Deus gravou no Espírito Humano.

## QUALIDADE OCULTA NOS FENÔMENOS MEDIANÍMICOS

À época de Allan Kardec, na França, várias foram as hipóteses que surgiram, tentando negar a existência dos Espíritos e, conseqüentemente, os fenômenos por eles provocados, na sua íntima relação com o mundo corpóreo. Eis algumas dessas hipóteses: *charlatanismo, alucinação, músculo ragedor, causas físicas, alma coletiva etc.*

Algumas dessas proposições não rejeitavam a objetividade dos fenômenos; entretanto, não admitiam que tivessem uma causa extra-humana. Neste caso, o médium seria o seu único agente, ou seja, a causa instrumental e ao mesmo tempo principal.

Intentava-se, desse modo, demonstrar a origem humana ou natural do processo mediúnico, em particular, e de todo e qualquer fenômeno. Na verdade, essas concepções naturalistas seriam uma reação ao “sobrenatural” ou ao que estava em desacordo com a orientação mental e científica de então. Até certo ponto, a influência

que exerceram nos diversos ramos do conhecimento foi, sobretudo, singular. Impunha-se uma nova ordem que exprimia um conceito de uma vida em franca oposição ao conceito humanista e religioso — *substituindo o homem metafísico e abstrato pelo homem natural não fez senão reduzir as dimensões éticas do homem verdadeiro*, fuan Eduardo Cirlot — *Dicionário de los ismos*.

Assim sendo, pretendeu-se explicar as manifestações espíritas como oriundas de forças naturais “decorrentes de leis físico-químicas, *uma vez que era a interpretação mais concordante com o “espírito positivo da época”*. — *Deolindo Amorim* — Espiritismo à luz da Crítica.

Todavia, Allan Kardec sintetiza, nas palavras seguintes, após a posição assumida *a priori*, pelos que negavam todo tipo de finalismo ou de qualidade oculta dos fenômenos medianímicos:

“Averiguada a realidade dos fenômenos, a primeira idéia que naturalmente acudiu ao Espírito dos que os verificaram foi a de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de fluido qualquer; numa palavra, a uma causa inteiramente física e material.”

As lúcidas e criteriosas observações do Codificador do Espiritismo vieram demonstrar a insofismável atuação de inteligências invisíveis na produção dos fenômenos espíritas, o que punha por terra as hipóteses das causas físicas.

O mais importante, porém, é que, da fenomenologia mediúnica, puderam ser revelados: o mundo invisível que nos cerca, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e estado dos



seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem depois da morte. Por outro lado, coube ao Espiritismo, mediante o intercâmbio entre essas duas dimensões, e sob a égide do Espírito da Verdade, revalidar os valores ético-morais do Cristianismo, jugulados que estavam pelo dogmatismo sectário.

As hipóteses que procuravam reduzir o conjunto dos fenômenos espíritas a um encadeamento mecânico, sem a interferência de nenhuma causa transcendente, ruíram, perante a luz esclarecedora e imortalista da Doutrina dos Espíritos que, vencendo todos os obstáculos, se afirmou, vitoriosa, no consenso dos homens de boa vontade.

## A MEDIUNIDADE NAS CRIANÇAS

De muitas maneiras os Espíritos provam sua existência aos incrédulos. Valem-se eles, principalmente, dos diversos aspectos da mediunidade, para dar testemunho da vida além da morte. Há, entretanto, certas manifestações mediúnicas que pelo seu caráter incomum, são mais de que provas concludentes da sobrevivência do Espírito e da sua capacidade de comunicação com o mundo corpóreo. Estamos falando da faculdade medianímica apresentada por crianças desde a mais tenra idade.

Muitos são os estudiosos que narram fenômenos desta natureza. Entre eles destacamos Alexandre Aksakof, em *Animismo e Espiritismo* e Gabriel Delanne, em *A Alma é Imortal*.

Os casos apresentados se referem a fenômenos imediúnicos de vários tipos, tais como: escrita automática, visões, e todos obtidos através de crianças entre dois e três anos de idade.

Vejamos, em resumo, alguns deles:

Aksakof nos narra:

“Um certo senhor Jencken, ao voltar de uma expedição com sua mulher, é informado pela babá de seu filho, que durante sua ausência um estranho fenômeno tinha acontecido. Cochichos e barulhos de passos tinham-se feito ouvir junto ao leito da criança. Tempos depois, ouviram-se pancadas e viram-se mãos aplicando passes sobre a criança. Esta mesma criança, aos cinco meses de idade, começou a escrever, transmitindo mensagens da ex-mulher do Sr. Jencken para este e demais membros da família.” É oportuno observar que esta criança era filha de Kate Fox, figura importante no desenvolvimento das pesquisas espíritas.

#### DELANNE NOS NARRA:

“Para minorar o sofrimento de um amigo, o Sr. Morgar promove uma experiência em que a esposa daquele é evocada. A desencarnada, manifestando-se através de uma mesa, deseja ver os três filhos, que dormiam no quarto. E, de repente, a mesa entra a mover-se com uma rapidez qual eu antes nunca vira, deslizando e girando tão vivamente que apenas dois ou três dentre nós a podiam acompanhar, tocando-a com a ponta dos dedos. Penetrou em seguida no aposento mais próximo, onde uma das crianças, menina de três anos, dormia profundamente no seu berço. Acercando-se desta, a mesa, como se fora dotada de vida e de sentimento, se ergue e inclina, no ar, para a criancinha que, sempre a dormir, lhe estende os bracinhos e exclama com essa tranqüilidade surpresa que sobremodo nos encanta na meninice: *Mamãe! oh! mamãe!* O pai e a tia, comovidos até às lágrimas, lhe perguntaram se realmente está vendo

a mãe: *Estou, vejo-a. Como está bonita! oh! como está bonita!* Perguntada onde a via: *Numa grande claridade!* — responde. — *Vejo-a no Paraíso.* Neste instante, vimos a criança fazer com os dois bracinhos um círculo como se quisesse abraçar-se ao pescoço de sua mãezinha e, coisa surpreendente, entre os braços e o rosto da menina, havia só o espaço necessário a caber a cabeça da que fora sua mãe.”

Estes foram apenas dois fatos de que os anais espíritas estão repletos. É um assunto importante para os espíritas e doutrinadores de reuniões mediúnicas, do qual Allan Kardec trata em *O Livro dos Médiuns*, elucidando-o no Capítulo XVIII. Os Espíritos, instados pelo Codificador, alertam para os perigos da faculdade mediúnica em crianças e esclarecem pontos sobre a maneira de lidar-se com estes médiuns precoces.

E Kardec pergunta aos Espíritos:

— Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?

Ao que os Espíritos respondem que os pais devem ser prudentes, em virtude da debilidade e delicadeza desses organismos e assim afastá-los desse assunto. Entretanto, se a faculdade se apresenta de forma espontânea, e o desenvolvimento físico da criança permite, deve se proceder com bastante tato, vigiando as crianças para que elas, em virtude da sua fragilidade e inexperiência, não se tornem vítimas de Espíritos zombeteiros e enganadores.

## A LEI DE IGUALDADE

A Lei de Igualdade corresponde ao Capítulo IX, de O LIVRO

DOS ESPÍRITOS. Vai da questão 803 a 824. Neste espaço, Kardec dirige aos Espíritos que o assistiam bem elaboradas e sutis perguntas, recebendo, em contrapartida, lúcidas e esclarecedoras respostas. Em apenas 21 questões o Codificador como que “espreme” o assunto, que é tratado de uma forma tanto quanto sintética como objetiva, possibilitando que dele se tenha uma idéia bastante clara e fundamentalmente compreensível, a despeito de suas implicações éticas e filosóficas.

E, de entre as questões suscitadas, causou-nos singular impressão a que se refere às desigualdades sociais, quando Kardec, indagando se é lei da natureza a desigualdade das condições sociais, disseram-lhe que é obra do homem e não de Deus. Em outras palavras (nossas palavras) , o homem é responsável direto pela divisão da sociedade em diversas classes, que se foram constituindo ao correr dos séculos. E as verdadeiras causas dessas desigualdades, existentes em todos os sistemas sociais terrenos, são, até certo ponto, obscuras. Supõe-se, porém, que tiveram origem a partir do momento em que o indivíduo, motivado por forte e instintivo sentimento gregário, reuniu-se em grupos, que evoluíram através de longo período de convenções variáveis, atendendo a imperativos étnicos, culturais, políticos, geográficos etc.

Em seguida, Kardec, pretendendo dar maior amplitude à resposta anterior, dirige-se aos Espíritos desejando saber se, nalgum dia, essas desigualdades desapareceriam. Responderam que eternas somente as leis de Deus o são, e que deixarão de existir quando o egoísmo e o orgulho forem debelados.

Destarte, as diferenças sociais teriam, antes de tudo, uma

origem intimamente vinculada a esses inferiores sentimentos. Aí residiria, em essência, todo o formidável e complexo mecanismo dos desníveis sociais, cujas conseqüências, de profunda repercussão, apresentam-se com características causais, sendo assim consideradas.

A maneira pela qual Kardec e os Espíritos enfocam o momentoso tema, uma das pedras de toque das ciências sociais, surpreende pela sua singela, mas irreduzível e meridiana colocação, destituída daquela fraseologia tão utilizada pelos tratadistas do processo social.

A problemática das desigualdades sociais terá solução no momento em que o homem se conscientize de sua própria realidade, pondo em prática o “conhece-te a ti mesmo”, assumindo positivas atitudes que levem à extinção do egoísmo e do orgulho, dando lugar ao Amor, fundamento natural da coexistência pacífica e da igualdade entre todas as criaturas.

Instalar-se-ia, pois, sobre a face deste orbe, uma Sociedade cujos valores constitutivos se identificassem com os mais íntimos e autênticos anseios de paz e progresso moral da Humanidade, que então partiria para a consecução do superior objetivo da vida: a perfeição!

## TODOS OS HOMENS SÃO SUBMETIDOS ÀS MESMAS LEIS NATURAIS

Em PROLEGÔMENOS, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, obra inicial da Doutrina Espírita vêm citados nomes de vários expoentes da história do pensamento humano através dos séculos. Esses construtores de idéias emprestaram valioso contributo à Causa do Consolador. Cumpriu-lhes a tarefa de responder às indagações de

Allan Kardec, da primeira à última questão, em que o autor raramente se identifica. No tocante, porém, às questões que constituem o Capítulo IX, que trata da Lei de Igualdade, julgamos identificar a ideologia iluminista, que teve em Fénelon um de seus maiores vultos. Senão vejamos, pelo que se insere no *Caput* do Capítulo, quando Allan Kardec indaga: — “Todos os homens são iguais perante Deus?” Aliás, a própria pergunta envolve os postulados defendidos pelo Iluminismo, e isto se corrobora nos comentários que o Codificador tece após a resposta, que nos permitimos transcrever o seu início: “Todos os homens são submetidos às mesmas leis naturais”...

Os precursores da Revolução Francesa perfilhavam idênticos pontos de vista, afirmando que “assim como há leis que regulam os fenômenos da natureza também as relações entre os homens são reguladas por leis naturais”.

No item relativo às desigualdades sociais, Kardec questiona:

“806 — A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?

— Não; é obra do homem e não de Deus — redargüiu-lhe o entrevistado.

Casaram-se, pois, pergunta e resposta com os princípios do iluminismo, tomando por pressuposto que consideravam os homens todos bons e iguais perante a natureza, e que a desigualdade existente entre eles era provocada pelos próprios homens, isto é, pela Sociedade.

“Para corrigir essa desigualdade, achavam que era preciso modificar a Sociedade, dando a todos a liberdade de expressão de culto, e proteção contra a escravidão, injustiça e opressão.”

Os iluministas seriam os teóricos da Revolução Francesa (1789), que preconizava a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade como corolários da Justiça. E as revoluções sociais — diria Kardec em OBRAS PÓSTUMAS — são as revoltas dos Espíritos encarnados contra o mal que os vexa, o indício das suas aspirações ao reino da justiça”...

E os magnos objetivos da histórica sublevação se enquadrariam nessa colocação do mestre lionês, porque, na verdade, corporificavam os anseios de toda uma nação ainda oprimida pelo absolutismo, embora decadente. Todavia, aquele ideal que impulsionou os construtores de uma nova era na França e mesmo no mundo, viria desnaturalizar-se, infelizmente, tendendo para o arbítrio, para a prepotência, para a violação dos direitos humanos. E é por isso — adverte Allan Kardec — que eles “os homens se movem, se agitam, andam tontos, criam sistema, recorrem a meios mais ou menos utópicos, cometem mil injustiças em nome da justiça”.

É claro que Allan Kardec não se referia, em especial, ao que aconteceu algum tempo depois daquela Revolução; referia-se, mais exatamente, às “revoluções sociais” em qualquer ponto: em princípio, defendem legítimos direitos da coletividade, mas que, normalmente, se desvirtuam para atender a interesses de grupos, motivados pela ambição desmedida. O Homem e o Poder jamais se harmonizaram. Contudo, aqueles princípios luminares que constituíram o cerne da Revolução Francesa, permanecem vivos no íntimo das consciências,

desafiando-as a pô-los em prática, no que realizariam o mais absoluto progresso moral e espiritual.

“Vós todos que sonhais com esta idade do ouro para a Humanidade, trabalhai principalmente na construção dos alicerces do edifício; antes de lhe terdes coroado o fastígio, dai-lhe por pedra angular a fraternidade em sua mais pura acepção; mas é preciso saber que para isto, não basta decretar e inscrever a palavra numa bandeira; é mister que haja o sentimento no fundo dos corações e não seja ele trocado por disposições legislativas.

Só então os homens compreenderão os deveres e benefícios da fraternidade, só então se firmarão por si mesmos sem abalos e perigos, os princípios complementares da liberdade e da igualdade”  
— Allan Kardec obra citada.

Finalizando chega-se à conclusão de que muito do conteúdo codificado expressa preciosos fragmentos do grandioso patrimônio intelectual da Humanidade, forjado, através dos séculos, por talentosos Espíritos, sem a quebra, entretanto, de sua atualidade.

## DA ANTROPOFAGIA À RAZÃO

No Capítulo VIII, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS (edição LAKE), relativo à Lei do Progresso, chamou-nos a atenção a pergunta 787 b, e a respectiva resposta:

787 b — Então os homens mais civilizados podem ter sido selvagens e antropófagos?

— Tu mesmo o foste, mais de uma vez, antes de seres o que és.



Aí se resume uma grande síntese, o evolver da espécie humana, através do tempo. O Espírito afirma que o próprio Kardec, como de resto os homens civilizados foram, antes, em passado remotíssimo, seres embrutecidos, que se conduziam pelo instinto, à feitura dos animais. E da resposta também, deduzimos o quanto demora para que o homem atinja aquele estágio de civilização que Kardec, no momento, representava. Isto quer dizer, simplesmente, que todo o patrimônio moral e intelectual do Codificador e dos homens de sua estirpe não se forjou de uma hora para outra, ou seja: não se nasce inteligente ou menos inteligente, justo ou injusto, por circunstâncias que se prendem a uma só existência. E esses caracteres morais e intelectuais não são “herdados”, mas adquiridos ao perpassar das reencarnações sucessivas desde as priscas idades humanas. E daí dimana todo o formidável processo de evolver da Humanidade, desta Humanidade que, embora vasculhando parte considerável do Cosmos, o que significa que já alcançou razoável índice de progresso tecnológico e científico, esteja, moralmente, em nível ainda muitíssimo a desejar. Motivam e vêm motivando as potencialidades intelectivas, ao tempo em que deixam quase hibernados, nos recessos da alma, os puros sentimentos que lhe constituem a essência.

Somos, pois, pelas palavras dos Espíritos da Codificação, uma “civilização incompleta”, ou, em outras palavras (nossas palavras), uma civilização em desequilíbrio, em que o progresso moral está aquém do progresso material. E uma civilização assim é, segundo Kardec, nos comentários às elucidações dos Mentores Espirituais, “um estado de transição que engendra males especiais”. E completa: “À medida que a civilização se aperfeiçoa, vai fazendo cessar alguns males que engendrou, e esses males desaparecerão com o progresso

moral.”

Destarte, e ante os esclarecimentos kardecistas, vivenciamos um estágio de transição, para uma vida em que, finaliza o ilustre lionês:

“Os costumes sejam mais intelectuais; em que exista mais bondade, boa fé, benevolência e generosidade recíprocas; em que os preconceitos de casta e de nascimento sejam menos enraizados porque esses prejuízos são incompatíveis com verdadeiro amor ao próximo; em que as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas para o último como para o primeiro; em que o fraco sempre encontre apoio contra o forte; em que a vida do homem, suas crenças e suas opiniões sejam melhor respeitadas; em que haja menos desgraçados; e, por fim, em que todos os homens de boa vontade estejam sempre seguros de não lhes faltar o necessário.”

E concluímos, com o comentário de J. Herculano Pires, tradutor da obra, inserto no rodapé: “Será esta a civilização cristã que o Espiritismo estabelecerá na terra.”

## EVOCÇÃO DO ESPÍRITO ALEXANDRE HUMBOLDT

Na “Revue Spirite”, número 6 — Ano II — junho de 1859, há interessante testemunho do Espírito ALEXANDRE HUMBOLDT, desencarnado a 6 de maio de 1859, evocado, por Allan Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Antes de mais nada, porém, vejamos quem foi Alexandre Humboldt, ou mais precisamente — Barão Frederico Henrique Alexandre von Humboldt, nascido em Berlim, em 14 de setembro de

1769 e desencarnado nesta cidade em 6 de maio de 1859. Geógrafo e naturalista, viajou inicialmente pela Europa, recolhendo material para o trabalho OBSERVAÇÕES MINERALÓGICAS SOBRE ALGUNS BASALTOS DO RENO (1973). Em 1799, desembarcou na Venezuela, onde realizou importantes observações zoológicas e botânicas. Subiu o Orenoco até o rio Casiquiare, estabelecendo a exata longitude e latitude de confluência do Amazonas e do Orenoco. Após outras e notáveis explorações, publicou, em 1807, VIAGENS ÀS REGIÕES EQUINOCIAIS DO NOVO CONTINENTE. O nome de Alexandre Humboldt seria perpetuado graças à introdução das linhas isotérmicas em Meteorologia, à fundação da Vulcanologia e da Fitogeografia.

Após o sucinto perfil do eminente pesquisador teu-lo, eis como tudo se passou a partir do momento em que Allan Kardec indaga do Espírito São Luiz (Diretor dos trabalhos) se poderia evocar o Espírito A. Humboldt, recentemente desencarnado.

“ — Se quiserdes ” — responde o esclarecido mentor.

Imediatamente, o Espírito evocado se manifesta.

Relacionamos, a seguir, alguns trechos do diálogo que se estabeleceu entre o Codificador do Espiritismo e o grande naturalista:

“ — Nosso chamado vos molesta? ”

— Não, não.

— Tivestes consciência de vosso novo estado logo após a morte? ”

— Eu a esperava há muito tempo. ”

Allan Kardec a essa altura faz as seguintes observações:

“Nos homens que, como Humboldt, morrem de morte natural, e pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece muito mais frontalmente do que naqueles cuja vida é bruscamente interrompida por um acidente ou morte violenta, por isso que já existe um começo de desprendimento antes de cessar a vida orgânica. Em Humboldt a superioridade do Espírito e a elevação dos pensamentos facilitaram o desprendimento, sempre mais lento e mais penoso naqueles cuja vida é unicamente material.”

E Allan Kardec retoma o interrogatório:

“— Tendes saudade da vida material?

— Não, absolutamente. Sinto-me feliz; não me sinto mais na prisão: meu Espírito é livre... Que prazer! e que agradável momento aquele que me trouxe esta nova graça de Deus!

— Vossas crenças mudaram?

— Sim, muito. Mas ainda não *revi* tudo. Esperai um pouco antes de me falardes com mais profundidade.”

Allan Kardec, a propósito, tece os comentários a seguir:

“Esta resposta e aquele *revi* são característicos do estado em que ele se encontra. Apesar do rápido desprendimento do seu Espírito, existe ainda certa confusão de idéias. Tendo deixado o corpo apenas há oito dias, ainda não teve tempo de comparar suas idéias terrenas com as que pode ter atualmente.”

“— Estais contente com o emprego que fizestes de vossa existência terrena?

— Sim. Eu cumpri mais ou menos, o objetivo que me havia proposto. Servi à Humanidade, eis por que hoje sou feliz.

— Quando vos propusestes esse objetivo?

— Quando vim para a Terra.”

Allan Kardec elucidava:

“Uma vez que se propôs um objetivo quando veio para a Terra, é que tinha feito um progresso anterior, e sua alma não nascera ao mesmo tempo que o corpo.”

“— Escolheste esta existência terrena?

— Havia numerosos candidatos a esta obra eu pedi ao Ser por excelência que me concedesse. E a obtive.

— Lembrai-vos da existência que precedeu a esta que acabais de deixar?

— Sim: ela se passou longe da Terra, num mundo muito diferente.

— Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra?

— Desculpai, é superior.

— Mas, então, como viestes a um mundo inferior àquele que habitáveis?

— — Não damos aos ricos. Eu quis dar: por isso descii à cabana do pobre.”

Allan Kardec e o Espírito Alexandre Humboldt mantiveram, por algum tempo, fascinante conversação sobre os mundos habitados, especialmente ao que se referia àquele de onde a esclarecida entidade era originária, lunalmente, o Codificador quis saber se Humboldt conhecera, quando encarnado, o Espiritismo. Ele não o conhecera;

entretanto, ao ser perguntado sobre o futuro da Doutrina Espírita, respondeu que seria grandioso, e que seria aceita pelos meios científicos, embora o seu caminho seja penoso.

O diálogo é chegado a seu termo. E Allan Kardec, sempre criterioso, emite opinião final sobre o comportamento do Espírito, lembrando o princípio da identidade e da concordância com os postulados espíritistas.

Assim, o Espírito Alexandre Humboldt, como tantos outros Espíritos, do menor ao maior, emprestou a sua valiosa colaboração ao acervo doutrinário do Espiritismo, legando, à posteridade, o seu inequívoco depoimento sobre a imortalidade do ser, esta grandiosa questão ainda em aberto em nossa era, e, provavelmente, em eras porvindouras, até que a criatura pensante, chamada ser humano entenda, afinal, que existe, em Espírito e Verdade...

## ESQUECIMENTO DAS EXISTÊNCIAS PASSADAS

A questão 392, incluída no Capítulo VII, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, encerra a seguinte pergunta formulada por Allan Kardec aos Espíritos:

“Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do passado?”

Eis os que as superiores entidades responderam, sem rodeios:

“O homem nem pode nem deve saber tudo; Deus assim o quer, na sua sabedoria. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa, sem transição, da obscuridade para a luz”. E acrescentaram:

“Esquecido do seu passado, ele é mais ele mesmo.”

Realmente, o esquecimento das existências passadas é sobretudo providencial ao equilíbrio psíquico do ser encarnado, que já luta com toda uma gama de inferiores sentimentos, assaz estimulados durante a sua vida de relação. Imaginem lembrar-se, o Espírito em prova ou expiação (como é o nosso caso), do que nefastamente perpetrou em vida(s) transata(s)? Seria o caos, sem dúvida alguma.

Entretanto, o conhecimento do passado palingenésico exerce formidável (e perigoso) fascínio sobre certas pessoas. Querem, a todo custo, e irrefletidamente, saber o que fizeram ou quem foram em anteriores existências. Não raramente são enganadas por determinados “videntes” que dizem saber tudo sobre o passado, presente e o futuro, quando, na verdade, não passam de notórios mistificadores. Assim, quantos “Napoleões”, “Césares” e outras ilustres figuras da História são identificadas por esses sabichões, chegando a convencer, piamente, os seus consulentes. E, desse modo, até santos andam por aí, e por aqui, crentes e orgulhosos de suas importantes origens. E a turma da Revolução Francesa?...

Enquanto isso, há aqueles que andam às tontas, angustiados e aflitos, porque “descobriram” que foram pérfidos e cruéis assassinos em anteriores existências. Os traumas avultam, nesses casos, podendo os seus protagonistas sofrer, em conseqüência, sérios transtornos.

O mais acertado, o mais justo, é vivermos a vida presente, tentando aprimorar os nossos sentimentos, com os olhos voltados para frente e para o alto, agradecendo a Deus a oportunidade sempre renovada do aprendizado, neste ou em outro plano, deixando que “os

mortos enterrem os seus mortos”...

## PROJETO DE KARDEC DE 1868

Livros, teses, artigos já foram escritos sobre o trabalho que Allan Kardec desenvolveu, preenchendo, assim, precioso espaço no contexto da bibliografia espírita. Daí por que, fica um tanto redundante, e até mesmo enfadonho, repetir-se tudo aquilo que todos, pelo menos os espíritas, sabem a respeito. Por isso, e sem querer inovar, pretendemos tecer alguns comentários referentemente ao Projeto elaborado por Kardec em 1868, e inserto em OBRAS PÓSTUMAS, apontando importantes providências quanto à divulgação do Espiritismo. E ele o inicia com estas palavras: *Um dos maiores obstáculos à propagação da doutrina é a falta de unidade.* Em àquela época, após onze anos de o lançamento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, sentia-se absoluta necessidade de preservar-se a pureza e fidedignidade doutrinária do Espiritismo a fim de evitarem quaisquer interpretações divergentes. Esta sadia e justificável preocupação kardeciana está contida no princípio que ele próprio adotou e recomendou como norma — *o da generalidade e concordância dos ensinamentos dos Espíritos.* Tudo deveria passar por esse crivo, embora suscitasse constrangimentos. Não se deveria aceitar, *a priori*, informações oriundas dos Espíritos sem que, antes, fossem submetidas à luz esclarecedora daquele prudente preceito. Objetivava-se resguardar a Doutrina de possíveis e tendenciosas investidas de Espíritos (encarnados e desencarnados) desejosos de comprometer o conteúdo da Terceira Revelação. Aliás, as comunicações apócrifas, assinadas por pseudo-sábios, Kardec as inseriu, à guisa de advertência, em as páginas últimas de O LIVRO DOS MÉDIUNS. Lendo-as, sem maiores exames, dir-se-iam



procedentes de esclarecidas mentalidades. E esse cuidado encontra respaldo no que aconteceu com o Cristianismo, que deu lugar a posteriores controvérsias, “porque o Cristo — observa Kardec — se limitou ao ensino oral e os apóstolos não ensinaram senão princípios gerais que cada um interpretou segundo suas idéias e interesses. “E o Espiritismo — prossegue — bem entendido e bem compreendido é o único meio de remediar este estado de coisas e tornar-se, como dizem os Espíritos, a grande alavanca de transformação da Humanidade. Para tanto, porém, conclui: “torna-se necessário assentar o Espiritismo em bases sólidas de uma doutrina positiva”. Partindo desses pressupostos, Kardec aponta dois principais elementos que deveriam contribuir para o progresso da Doutrina Espírita: “o estabelecimento teórico da doutrina e os meios de popularizá-la”. E, em seguida, elabora um plano de ação que seria submetido aos conselhos dos superiores Espíritos da Codificação, em que se incluem os seguintes itens:

1. ESTABELECIMENTO CENTRAL, isto é, um lugar que possibilitasse a centralização das atividades doutrinárias, “sem dar-lhe um luxo inútil e mal cabido”.

2. ENSINO ESPIRITA — criar-se-ia um curso regular de Espiritismo, “no intuito de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios”. O curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios e de fazer adeptos esclarecidos, capazes de propagar as idéias espíritas.

3. PUBLICIDADE — lançar-se-ia mão da REVUE SPIRITE, ampliando-se o número de páginas, contando, também, “com os serviços de um redator remunerado”.

4. VIAGENS — seriam realizadas viagens periódicas aos

diversos centros, utilizando-se de talentosos expositores que tivessem condições de divulgar os postulados da Doutrina com objetividade e clareza. Quanto à disponibilidade de tempo, Kardec admite que precisaria, no cumprimento das tarefas, “da assistência de auxiliares remunerados”, com os quais ele pudesse contar, dispensando-o de uma multidão de ocupações e preocupações, no que contribuiria, segundo imaginava, “para adiantar de séculos a Doutrina Espírita”.

No ano seguinte, a 31 de março, desencarnava Allan Kardec, sem conseguir, acreditamos, e pela exigüidade de tempo, pôr plenamente em prática o seu Projeto. E nele, permitimo-nos destacar dois eminentes aspectos: a preocupação em não descaracterizar a unidade doutrinária do Espiritismo e a intenção de se contar com pessoal de apoio remunerado.

No primeiro caso, justifica-se, sem dúvida, a preocupação de Kardec, porque, como ele mesmo afirmou no intróito do Projeto, “um dos maiores obstáculos à propagação da doutrina é a falta de unidade”. A apreensão do mestre lionês parece ditada por uma natural antevisão do que iria acontecer (como na verdade vem acontecendo) no futuro, quando alguns que se dizem espíritas tentam impor ideologias estranhas à Codificação. No segundo caso, Kardec não dispunha, como se pode deduzir, de número suficiente de adeptos capazes de subsidiá-lo nas inúmeras tarefas administrativas. Planejou, então, arregimentar, mediante paga, pessoas que pudessem aliviá-lo de determinados encargos, a fim de melhor atender às exigências da divulgação do Espiritismo. Ficamos a imaginar o que faria o Codificador se contasse com o contingente de adeptos que, atualmente, trabalha nas Instituições Espíritas. Por esse lado, acreditamos que se iria sentir muito gratificado; porém, no tocante à

unidade da doutrina, muito teria que lutar para conservá-la íntegra e inconspicua. Neste particular, dever-se-ia reviver, hoje, o Projeto de Kardec, no sentido de tornar realidade uma sua outra previsão — tornar-se o Espiritismo “a alavanca de transformação da Humanidade”...

## AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Capítulo XII, há elucidativa apreciação sobre o preceito — “Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos têm ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam” (Mateus cap. V).

Quando Jesus enunciou essa lapidar sentença que, em tudo e por tudo, contrariava àquela até então perfilhada que mandava “aborrecer o inimigo”, certamente deve ter provocado estranheza entre as gentes que O ouviam. Realmente. A máxima do Mestre era de causar espécie (e ainda causa) no seio do povo. Jamais alguém lhe falara com tamanha desenvoltura e lucidez sobre assuntos que tais. A maioria acostumara-se a seguir os ordenamentos escriturísticos como se fossem a expressão última da verdade. Não se podia questioná-los, mas, simplesmente adotá-los como norma ortodoxa de conduta social, o que gerava sérios conflitos de imprevisíveis repercussões. A Doutrina de Jesus sugeria uma reavaliação dos conceitos até aquela época vigentes, o que suscitou acerbadas reações de parte dos que detinham, intransigentemente, o poder espiritual e temporal. Era, imaginava-se, um absurdo o que pregava o filho de um humilde carpinteiro, “desafiando” princípios instituídos e cultuados desde remotas eras. Na verdade, a mensagem de Jesus não objetivava contrariar as leis e muito menos os profetas; era, antes, um convite à

reflexão profunda, consciencial, que punha o Espírito diante dele próprio e das leis naturais que regem o processo da vida. Ademais, Jesus não pretendia, acreditamos, lançar as bases de uma nova religião, mormente a que vigorava naquele tempo não atender às aspirações íntimas da alma. A “Boa Nova” encerrava, sobretudo, uma proposta de renovação moral e social, sem quaisquer conotações políticas. Buscava o homem, aquele homem que, mais tarde, seria definido por Kardec como o composto do corpo, perispírito e Espírito, exortando-o à prática do bem e a segui-Lo, porque ninguém iria ao Pai senão por Ele. Infelizmente, porém, a capacidade de entendimento daquelas criaturas estava aquém das colocações do Mestre, a não ser uns poucos que tinham “ouvidos de ouvir”, e O ouviram, seguindo O pelos caminhos ínvios, mas compensadores da caridade que se fundamenta no amor.

Volvidos quase dois mil anos, as propostas do Mestre Jesus continuam tão vivas e atuais quanto no momento em que as preconizou ao povo de Sua época, revitalizadas pelo Espiritismo a quem coube, por desígnio superior, restaurá-las em sua pureza e transcendentalidade.

## A ALMA ANIMAL

Iniciemos este trabalho com o que se insere na questão 593, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

593. Podemos dizer que os animais só agem por instinto?

— Ainda nisso há um sistema. É bem verdade que o instinto domina na maioria dos animais: mas não vêes que há os que agem por uma vontade determinada? É que têm inteligência, porém ela é

limitada.

Em seguida à resposta dos seres invisíveis, Allan Kardec tece os seus preciosos e oportunos comentários, nestes termos:

“Além do instinto, não se poderia negar a certos animais a prática de atos combinados, que denotam a vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles, portanto, uma espécie de inteligência”...

Adiante, o Codificador da sempre atualíssima Codificação dos princípios fundamentais do Espiritismo, formula as seguintes perguntas:

597. Pois se os animais têm uma inteligência que lhes dá uma certa liberdade de ação, há neles um princípio independente da matéria?

— Sim, e que sobrevive ao corpo.

597. a. Esse princípio é uma alma semelhante à do homem?

— É também uma alma, se o quiserdes; isso depende do sentido em que tome a palavra; mas é inferior à do homem.

598. A alma dos animais conserva após a morte sua individualidade e a consciência de si mesma?

— Sua individualidade, sim, mas não a consciência de si mesma. A vida inteligente permanece em estado latente.

599. A alma dos animais pode escolher a espécie em que prefira encarnar-se?

— Não; ela não tem o livre-arbítrio.

Vejamos, então, o que mais ou menos ficou patenteado, à luz do diálogo havido entre Kardec e os Espíritos tutelares da Codificação.

1. — os animais agem basicamente por instinto, mas há os que agem por uma vontade determinada.
2. — os animais têm uma inteligência, porém ela é limitada.
3. — os animais possuem um princípio independente da matéria.
4. — a alma dos animais conserva, após a morte, a sua individualidade, mas não a consciência de si mesma.
5. — os animais não possuem o livre-arbítrio.
6. — os animais seguem uma lei progressiva como os homens.

O tema é, realmente, fascinante. Antes de entrarmos no âmago de postulações decorrentes de outras fontes de pesquisa sobre os animais, sintamos a opinião firmada pelas entidades superiores, em seguida à questão 607 a, proposta por Kardec:

“É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco, e ensaia para a vida, como dissemos. E, de certa maneira, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade e com este a consciência do seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos. Como depois do período da infância vem o da adolescência, depois a juventude, e por fim a idade madura. Nada há, de resto, nessa

origem, que deva humilhar o homem. Os grandes gênios sentem-se humilhados por terem sido fetos informes no ventre materno? Se alguma coisa deve humilhá-los, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para sondar a profundidade de seus desígnios e a sabedoria das leis que regulam a harmonia do Universo.”

E arrematam:

“Crer que Deus pudesse ter feito qualquer coisa sem objetivo e criar seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar contra a sua bondade, que se estende sobre todas as suas criaturas.”

Corroboram as observações dos Espíritos as palavras de Camille Flammarion, ilustre discípulo de Kardec, em seu livro — DEUS NA NATUREZA:

“Muito se há discutido sobre a alma animal, depois que Descartes e Leibnitz e a seguir Reanum se deram ao trabalho de observar *in natura*, diretamente, a vida e os costumes dos animais. É, sobretudo, pela observação direta que nós podemos instruir acerca da preciosa faculdade das espécies vivas, que lhes assegura a conservação e basta constatar os sinais evidentes dessa lei universal, para lhe aferir o valor, sob o ponto de vista dos desígnios da Criação.”

Quanto à inteligência e ao instinto, pontos de extensas discussões, eis como se posiciona o famoso astrônomo francês:

“Os animais possuem uma e outro (inteligência e instinto) com faculdades distintas. Com a primeira pensam, refletem, compreendem, decidem, recordam, adquirem experiência, amam, odeiam, julgam, por processos análogos aos da inteligência humana;

com o segundo, isto é, o instinto, operam obedecendo a uma impulsão íntima, sem apreensão, sem conhecimento, inconscientes do motivo e do resultado de seus atos.”

Em *O Diário dos Invisíveis*, Zilda Gama expressa:

“Os animais possuem uma alma, revestida de corpo fluídico, mas não têm os mesmos atributos da humana...”

Poder-se-iam preencher páginas e mais páginas sobre o palpitante (e inesgotável) assunto, chamando a testemunhar os mais eminentes pesquisadores da matéria, como, v.g., Gabriel Dellane, em seu livro REENCARNAÇÃO, onde se contêm surpreendentes relatos sobre a capacidade de raciocínio dos animais, especialmente os cães e os cavalos.

Enquanto não deciframos os enigmas que cercam a Vida, em suas variadas e complexas manifestações, concedamos a esses nossos irmãos, os animais, oportunidades de crescimento. Afinal de contas, todos nós estamos empenhados no mesmo processo de evolução, já definido pelos Espíritos Reveladores a Allan Kardec.

Na verdade, afirmam os mensageiros da Terceira Revelação:

“Tudo se encadeia na Natureza, e as coisas aparentemente mais disparatadas têm ponto de contato que o homem jamais chegará a compreender, no seu estado atual.”

E ainda:

...“Tudo na Natureza se harmoniza através de leis legais, que jamais se afastam da sublime sabedoria do Criador.”



E, para concluir, passamos a palavra ao beletrista baiano. Dr. Carlos Imbassahy:

“A continuidade da vida, a partir da planta e, quem sabe, do mineral, vem sendo demonstrada pela Ciência e imposta pela razão. Não poderíamos compreender um Criador que desse aos animais a rusticidade e o sofrimento e, aos homens, a sobrevivência e a glória.”

## CONCEITO DE PERISPLRITO

Usa-se, no ambiente espírita, com muita freqüência, o termo PERISPÍRITO. Pessoas há, recém-chegadas ao movimento espírita, que ficam intrigadas com o vocábulo, sem conhecerem a sua origem etimológica e a sua história.

A expressão, um neologismo, criada por Allan Kardec, passou, com o tempo, a integrar o contexto lingüístico francês, e ganhou o mundo. A sua saga confunde-se com o próprio evoluir do ser humano, sendo ele o que modernamente se rotulou de “modelo organizador biológico”.

## CONCEITO DE PERISPÍRITO ATRAVÉS DOS SÉCULOS

O perispírito, através dos séculos, sofreu variada denominação entre os sistemas filosóficos e religiosos.

Paracelso, um dos pais da química moderna, denominou-o de “corpo astral”.

Pitágoras chamou-o de “carne sutil da alma”.

Aristóteles classificou-o de “corpo sutil ou etéreo”.

Leibnitz deu-lhe o nome de “fluídico”, dele tomando conhecimento, ao que se sabe, intuitivamente.

Maspero designou-o de “corpo aéreo”.

Lapagne Renour considerou-o “o duplo”.

Para os antigos hebreus é o “nephesch” que conduz no seu íntimo o sopro divino (Espírito).

Os gregos, por sua vez, chamaram-no de “eidolôn”, surgido quando das evocações das famosas pitonisas.

Os neoplatônicos da Escola de Alexandria rotularam-no de “astroidê”.

Os hierofantes egípcios chamaram-no de “Ka” ou “duplo”.

Algumas escolas ocultistas lhe dão o nome de “argeu”, “enormon” etc.

São Paulo admitia (I Epístola aos Tessalonicenses) o ternário de que se compõe o ser humano: Espírito (pneuma), alma (psique) e o corpo (soma). Orígenes (século II d.C.) afirmava que o Espírito era envolvido por um corpo vaporoso a que chamou de “aura”.

Entretanto, somente a partir de Allan Kardec, e assim como o advento do Espiritismo, é que se estudaria racional e cientificamente o Perispírito (denominação Kardequiana) então classificado como o envoltório semimaterial do Espírito (*peri*, em redor de, e *spiritus*, Espírito), depois de sua separação do corpo. O Espírito o adquire no mundo em que se acha e muda-o ao passar a um outro mundo. É mais ou menos sutil ou grosseiro conforme a natureza de cada Globo. O

perispírito pode tomar todas as formas, à vontade do Espírito; de ordinário apresenta a imagem que tinha em sua última existência corporal.

#### FORMA DO PERISPÍRITO

Allan Kardec pergunta aos Espíritos:

“ — O envoltório semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

— Sim; tem uma forma que o Espírito deseja, e é assim que ele se vos apresenta algumas vezes, seja em sonho, seja em estado de vigília, podendo tomar forma visível e mesmo palpável.”

#### DURAÇÃO DO PERISPÍRITO

“ — Há mundos onde o Espírito, cessando de habitar corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

— Sim, e esse próprio envoltório torna-se tão etéreo que, para vós é como se não existisse; é o estado de Espíritos puros.”

#### EXPERIÊNCIAS QUE COMPROVAM A EXISTÊNCIA DOS PRINCÍPIOS ESPIRITUAIS:

Albert de Rochas

1893 — exteriorização da sensibilidade; isolamento do duplo.

Hector Durville

1909 — dissociação e exteriorização do corpo astral.

H. Baraduc

Fim do século XVIII — fotografia do corpo astral.

L. Lefranc

1911/12 — dissociação e exteriorização do corpo mental e corpo causai.

L. Lancelin

1918 — dissociação do corpo intucional.

O perispírito, pois, é conhecido da Humanidade desde remotas eras. Se antes sua existência era comprovada pela percepção, após Kardec, as pesquisas científicas, promovidas por estudiosos imparciais e não-espíritas vieram testificar, insofismavelmente, a sua realidade e a profunda importância que tem no processo da vida.

## O LIVRO DOS ESPÍRITOS - 130 ANOS DEPOIS -

No dia 18 de abril de 1857 era lançado, em Paris, França, O LIVRO DOS ESPÍRITOS, por iniciativa do educador e pensador francês Denizard Hippolyte Léon Rivail, que adotou, na oportunidade, o pseudônimo de ALLAN KARDEC, nome de origem druida, antigo povo que habitou o território francês, séculos passados.

A primeira edição do Livro encerrava, apenas 501 perguntas (elaboradas por Allan Kardec) com as respectivas respostas (dadas pelos Espíritos). Mais tarde, era lançada, ainda em Paris, a segunda edição, com 1.019 questões, contendo, agora, lúcidas e oportunas observações do Codificador.

“Com este livro — afirmou o escritor brasileiro Herculano Pires — raiou para o mundo a era espírita. Nele se cumpria a promessa evangélica do Consolador, do Paracleto ou Espírito da Verdade.”

E mais adiante disse o Prof. Herculano Pires sobre o memorável compêndio:

“O LIVRO DOS ESPÍRITOS é o Código de uma nova fase da evolução humana. E é exatamente essa a sua posição na história do pensamento. Este não é um livro comum, que se pode ler de um dia para o outro e depois esquecer num canto da estante. Nosso dever é estudá-lo e meditá-lo lendo e relendo-o constantemente.”

Entretanto, o Livro causou, na França e nalguns países da Europa, o maior “frisson”. As celeumas eclodiram no seio dos mais importantes segmentos sociais. Religiosos, tecnocratas, intelectuais, contestavam a validade do livro, culminando, tudo isso, com o “Auto-de-fé de Barcelona” (1865), na Espanha, quando foram queimados, em praça pública, mais de trezentos volumes de obras espíritas.

Conquanto toda essa refutação ao que o Livro expunha, o trabalho de Allan Kardec frutificou: outros livros se sucederam, integrando, assim, a Codificação do Espiritismo.

Da Europa, a Doutrina Espírita chegou ao Brasil, tendo como porta de ingresso a Bahia, a sempre predestinada Bahia.

A trajetória da Doutrina Espírita na Bahia foi marcada por lances de verdadeiro heroísmo. Nesse contexto, destaca-se a figura de Luiz Olímpio Teles de Menezes, membro efetivo do Instituto Histórico da Bahia e do Conservatório Dramático da Bahia, instalado, em Salvador, em agosto de 1857. Eram companheiros de Teles de Menezes no Conservatório: Rui Barbosa, Belarmino Barreto, Castro Alves, Álvares da Silva e Júlio César Leal, autor da primeira obra poética de fundo espírita no Brasil, publicada em 1869, sob o título:

*O Espiritismo — Meditações Poéticas Sobre o Mundo Invisível,*  
acompanhadas de uma evocação.

Teles de Menezes professava, de público, a sua fé espírita, embora predominasse, fortemente, a religião católica, então “religião oficial”. Muitos embates sofreu o pioneiro da imprensa espírita no Brasil, que jamais desistiu de seu ideal e de suas convicções. Em 17 de setembro de 1865, funda o primeiro Centro Espírita neste País, O GRÊMIO FAMILIAR DO ESPIRITISMO e, no dia 8 de março de 1869, Teles de Menezes lança a idéia da publicação de um periódico espírita que se chamaria O ECO D’ALÉM TÚMULO. Estavam presentes à memorável reunião de lançamento o Dr. Joaquim Carneiro de Campos, Dr. Inácio José da Cunha, professor José Francisco Lopes, Dr. Manuel Correa Garcia, professor Aureliano Henrique Tosta e outros.

Em julho de 1869, aparecia o primeiro exemplar do ECO, com 58 páginas, bimestral, circulando, na Bahia e em outros estados, bem como em Londres, Paris, Lyon, Madrid, Barcelona, Sevilha, Nova Iorque, Catânia, Bolônia etc.

Estava lançada a semente da divulgação da Doutrina Espírita nas terras do Cruzeiro do Sul. Esta semente iria germinar pujantemente, transformando-se em frondosa e frutífera árvore, hoje cultivada por milhares de adeptos em todo o território nacional.

Ao completar O LIVRO DOS ESPÍRITOS 130 anos de existência nada mais justo lembrar-nos dos pioneiros do Espiritismo no Brasil que, sob a égide de desígnios superiores, consolidaram a obra do Consolador neste abençoado e predestinado país.

## ALLAN KARDEC

Allan Kardec (Denizard Hippolyte Léon Rivail), nasceu na cidade de Lyon, França, no dia 3 de outubro de 1804 e desencarnou em Paris, no dia 31 de março de 1869.

Entre 1814 e 1815, seguiu para a Suíça, a mando de seus pais, a fim de estudar no Educandário de Jean Henri Pestalozzi.

André Moreil, em seu livro *Vida e Obra de Allan Kardec* (Edicel), traça este perfil do mestre:

“Pestalozzi é o tipo do educador atento, o mestre severo e suave, ao mesmo tempo justo e caridoso. Em sua doutrina e em seu exemplo, Rivail encontrou o modelo do homem íntegro que ele mesmo foi e que se tornou, também, ideal da moral espírita.”

Realmente. Foi em Yverdon, no Castelo de Loehringen, onde ficava localizado o educandário, que o Codificador do Espiritismo aprendeu o justo sentido da Educação, desenvolvendo, posteriormente, o método de ensino idealizado e preconizado por Pestalozzi, ao publicar em Paris, no ano de 1824, um Curso Prático e Teórico de Aritmética Segundo o Método de Pestalozzi. Fundaria, depois, em Paris, um Instituto Técnico, contando com a inestimável colaboração de sua esposa Amélie-Gabriele, também educadora, que publicou, antes de casar-se, várias obras, entre as quais destacam-se: *Contos Primavera* (1825), *O Essencial em Belas Artes e Noções de Desenho*.

A vocação de Rivail era a do Educador, cuja missão pedagógica ultrapassa os estreitos limites do então estágio do ensino escolar francês. Daí ter sugerido aos órgãos do Governo planos e métodos

destinados à uma reforma do sistema educacional em seu País, sendo considerados (tais planos e métodos) revolucionários para a época.

Por volta de 1855, Denizard Rivail entra em contato com o Sr. Carlote, amigo de velha data, que lhe falou dos fenômenos provocados pelos Espíritos. No mesmo ano, Rivail passa a freqüentar a casa do Sr. Plainemaison, onde se realizavam fecundas reuniões com os invisíveis.

“Foi ali — escreve Rivail — que, pela primeira vez testemunhei o fenômeno das mesas que giravam e corriam, em condições tais que dúvida alguma era possível.”

“Ali também — prossegue — assisti a alguns ensaios muito imperfeitos de escrita mediúcnica sobre uma lousa, com o auxílio de uma cesta.”

Foi assim que tudo começou, culminando na feitura de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, lançado em Paris, a 18 de abril de 1857, há exatamente 130 anos.

“A partir desse momento — escreve André Moreil Denizard Rivail já não existe: renasce como Allan Kardec, pseudônimo de origem galesa.”

Um ano após o surgimento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e lança a Revista Espírita, que saiu a lume em 1.º de janeiro de 1858.

Mais adiante publica os seguintes livros, integrantes do chamado pentateuco kardeciano:



- O LIVRO DOS MÉDIUS — 1861.
- O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO  
— 1864.
- O CÉU E O INFERNO — 1865.
- A GÊNESE — 1868.

Na manhã de 31 de março de 1869, desencarna Allan Kardec, legando, à humanidade, uma doutrina (a única doutrina) que conseguiu reunir, numa “síntese grandiosa, — filosofia, ciência e religião”.

## EVOCÇÃO DE ESPÍRITOS

O capítulo XXV, de O LIVRO DOS MÉDIUS, trata DAS EVOCÇÕES.

A evocção de Espíritos era normalmente utilizada por Allan Kardec, sob a égide de superiores Entidades, O Mestre lionês construiu a base da Codificação do Espiritismo justamente sobre o processo da evocção. Para tanto, cercou-se de especiais cuidados, instituindo princípios que o resguardaram de contratemplos, porque ao lidar com os mortos (desencarnados) assim como os vivos (encarnados), devem-se adotar inúmeros cuidados. Há, do “outro lado” (e deste) contumazes enganadores, fingidos, brincalhões e maldosos que, com astúcia, ludibriam as pessoas, porque se tem em conta que Espíritos não podem ser contrariados, que falam a verdade, que são sábios e coisas que tais. Ledo e perigoso engano. Sabe-se que o indivíduo conserva os seus caracteres morais e intelectuais ao ultrapassar os limites da vida física, pelo fenômeno da morte. Ninguém (ninguém mesmo) vira santo ou vai sentar-se à direita ou à esquerda do Pai, conforme preconizam as cerimônias de encomendamentos de corpos, à beira dos sepulcros. “A cada um —

disse com propriedade o Mestre Jesus — segundo as suas obras”, no que aí se consubstancia a lei de causa e efeito, de que trata o Espiritismo. Assim, o Espírito constrói o seu “céu” ou o seu “inferno” lá no Além, sendo que essas instâncias têm foro no seu próprio íntimo.

As evocações perpetradas pelo discípulo de Pestalozzi revestiram-se de cuidados extremos. Na atualidade, a prática se diluiu quase que integralmente nos recessos dos centros espíritas deste imenso Brasil. Há exceções, é claro, mas são inexpressivas. Consideramos, permitam-nos os caros leitores, que se deveria reviver o processo das evocações de Espíritos, pelo menos a nível de aprendizado. Muito poderíamos aprender com os seres invisíveis e restabelecer, destarte, aquele intercâmbio iniciado muito antes de Kardec, já nos recessos dos templos místicos de antiquíssimas civilizações, já entre os povos primevos. Teríamos, pois, respostas a uma multidão de perguntas que fazemos a nós mesmos, e que nos fazem os companheiros recém-iniciados, ávidos de penetrar, mais fundamente, no misterioso e fascinante mundo dos fenômenos espíritas. Quem sabe se não poderíamos (guardadas algumas proporções) levar à frente o trabalho de Kardec, que disse, franca e lealmente, ser a Doutrina dos Espíritos eminentemente dinâmica? Em vez de se dizer que ela está defasada, aqui e ali, por que não se investe nas evocações? Que sejam convocados os Espíritos; que lhes façamos perguntas, auscultemo-lhes os pensamentos, as idéias; generalizemos o exercício da evocação. Afinal de contas a doutrina é dos Espíritos. E cada informação, cada idéia e conceito deve ser pesado na balança do bom-senso, sem radicalismo, sem fanatismo, com isenção de ânimo, consultando-se, a respeito, espíritas de reconhecido valor e sobretudo fiéis ao legado kardeciano. Talvez aí resida o r da questão,

a questão de tantas e desencontradas ideologias e de tantos e desencontrados pontos de vista que correm, desenfreados, no ambiente espírita, que vêm suscitando celeumas de vária ordem. Não seria “uma boa” consultar os Espíritos? Que tal se esses “experts” encarnados, volvendo ao plano espiritual, ficassem, também, no ostracismo, sem quaisquer e efetivas participações no contexto das discussões a seu próprio respeito, ou a respeito de problemas que, de certa forma, os afetam? Chamemos, portanto, os interessados, e habituemo-nos a chamá-los a opinar, porque, quando formos um deles, vamos entrar nalguma fila (se entrarmos) esperando a hora de psicografar por um dos raros (e abnegados) médiuns em atividade no plano corpóreo. Por que ânsia não seremos dominados, querendo contribuir (como antes contribuíamos) dando o nosso palpitezinho (conquanto infelizes, alguns) naquilo exatamente que nos interessa de muitíssimo perto?

Construamos, hoje, a possibilidade de construirmos amanhã...

## O PRIMADO DA RAZÃO

As leis que vigem nas sociedades humanas são uma resultante do adiantamento moral, intelectual e espiritual do ser encarnado, guardando elas, em seu caráter eminentemente mutacionista, estreita correspondência com a evolução gradual do Espírito.

Como nós sabemos, a terra é um Planeta de provas e expiações, onde as virtudes rareiam. Seus habitantes se dividem em nações e grupamentos étnicos dispersos, heterogêneos não apenas quanto aos caracteres biotipológicos e graus diferentes de cultura, mas, sobretudo, no tocante ao estágio de espiritualidade em que se situam. Neste sentido, os Espíritos de Codificação Kardequiana ensinam que

“se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante das criaturas, por suas preocupações e seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, quais ordens de Espíritos que neles se encontram” — O LIVRO DOS MÉDIUNS. Cada sociedade, seja ela incrustada em meio à selva virgem, seja aquela em foros de civilidade, tem seus padrões ético- morais peculiares, fatores condicionantes da conduta grupai.

Os silvícolas, na sua transitória vivência no ambiente natural, subordinam-se a normas próprias, puramente extraídas dos costumes e tradições milenares, sedimentadas através dos tempos, contrastando, em muito, com aquelas consagradas no meio social civilizado, especialmente dinâmicas. Daí, então, os conflitos observados quando da penetração do homem civilizado nessas comunidades.

Cumprir notar que, mesmo entre os núcleos sociais cultos, os conceitos morais variam, às vezes, gritantemente. Segue-se que não se pode estabelecer, para todos eles, uma unicidade de ritos e padrões morais, até que sejam colocados, pelo progresso espiritual, em perfeita harmonia com as leis divinas, mediante o processo das reencarnações sucessivas e depuradoras.

Quando as leis do homem estiverem em equilíbrio com os ordenamentos da Lei de Deus, estabelecer-se-á na Terra, o Primado da Razão, que se consubstancia nos preceitos de Igualdade, de Liberdade e de Fraternidade, de que nos fala o Evangelho de Jesus.

## ENSAIO TEÓRICO SOBRE A SENSACÃO NOS ESPÍRITOS

A questão 257, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, trata de um

“ENSAIO TEÓRICO SOBRE A SENSACÃO NOS ESPÍRITOS, de autoria de Allan Kardec.

Esse Ensaio é, parece-nos, uma das peças mais importantes e elucidativas que constituem o acervo de comentários do mestre lionês às respostas oferecidas pela equipe dos superiores Espíritos às suas indagações.

O *caput* do Ensaio aborda o problema da dor, de que o corpo físico é o instrumento, ou a sua causa imediata. E esclarece Kardec a respeito: “A alma tem a percepção dessa dor: essa percepção é o efeito.” Em seguida: “A lembrança que dela conservará pode ser muito penosa, mas não pode implicar ação física.” E arremata: “Com efeito, o frio e o calor não podem desorganizar os tecidos da alma; a alma não pode regelar-se nem queimar.” De fato, os estudos posteriores sobre o perispírito, que desempenha fundamental importância em todos os fenômenos espíritas, lançam luzes sobre essa palpitante questão. Ele é o liame que une o Espírito ao corpo biológico; é, segundo Léon Denis, “um mundo radiante”, constituído do fluido universal e contém ao mesmo tempo — de acordo com as conclusões kardequianas — “eletricidade, fluido magnético e, até um certo ponto, a própria matéria inerte”. E acrescenta: “Poderíamos dizer que é a quintessência da matéria.” E o mais importante: o perispírito é o princípio da vida orgânica, mantendo o agrupamento das moléculas que, em número infinito, constituem o nosso corpo. Entretanto, ele não é o princípio da vida intelectual, porque esta pertence ao Espírito. É, por outro lado, o agente das sensações externas, expande forças para o exterior e absorve-as no interior. “No corpo — informa o ensaísta — estas sensações estão localizadas nos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações se

tornam generalizadas.” “Eis por que — esclarece — o Espírito não diz que sofre mais de cabeça que dos pés.”

Torna-se necessário, destarte, não se confundir as sensações do perispírito independente com as do corpo físico. Liberto deste, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é o mesmo do corpo. A dor que o Espírito sofre, pois, não é dor física propriamente dita, “é um vago sentimento interior, de que o próprio Espírito nem sempre tem perfeita consciência”. E por quê? “Porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes exteriores.” Ademais, a experiência ensina que, no momento da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo. Nos primeiros instantes, o Espírito não compreende a sua situação; não acredita que morreu; sente-se vivo; vê o seu corpo de lado, sabe que é o seu e não entende por que está separado. E Kardec exemplifica: “Um suicida nos dizia: *Não, eu não estou morto — e acrescenta — e entretanto, sinto os vermes que me roem.*” E elucida: “Ora, seguramente, os vermes não roíam o perispírito, e menos ainda o Espírito, mas o corpo”. E prossegue: “Como a separação do corpo e do perispírito não estava completa, havia uma espécie de repercussão emocional, que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo.”

Mais adiante, Kardec explica melhor o processo, inclusive achando que o termo repercussão não seria o adequado, mas antes, uma visão do que se passava no corpo físico, ao qual o perispírito continuava ligado.

E o Codificador prossegue analisando a questão, constituindo-se, esse Ensaio, sem dúvida, no mais importante ponto de apoio das pesquisas realizadas após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, não

apenas “sobre a sensação nos Espíritos”, mas sobre o complexo: corpo, perispírito, com suas íntimas correlações.

A contribuição kardequiana veio abrir novas e especiais perspectivas no campo da ciência e da filosofia, não se constituindo fruto de meras especulações, mas o resultado de todo um trabalho exaustivo, metódico, laboratorial, sustentado naquele princípio, instituído pelo próprio Kardec, da “concordância e generalidade dos ensinamentos dos Espíritos”, que se resume e que se identifica nestas declarações do Codificador, ao final do Ensaio:

“Interpelamos sobre o assunto milhares de Espíritos, pertencentes a todas as classes sociais, a todas as posições. Estudamos em todos os períodos da vida espírita, desde o instante em que deixaram o corpo. Seguimo-los passo a passo na vida além-túmulo, para observar as modificações que neles se operavam, nas suas idéias, nas suas sensações. E a esse respeito os homens vulgares não foram os que nos forneceram menos preciosos elementos de estudo. Vimos sempre que os sofrimentos estão em relação com a conduta, da qual sofrem as conseqüências, e que essa nova existência é uma fonte infável para aqueles que tomaram o bom caminho. De onde se segue que os que sofrem é porque assim quiseram e só devem queixar-se de si mesmos, tanto no outro mundo quanto neste.”

## FATALIDADE E LIVRE-ARBÍTRIO

Uma das mais fascinantes questões expostas em O LIVRO DOS ESPÍRITOS refere-se ao problema da fatalidade e do livre-arbítrio. As elucidações dos Espíritos a respeito são claras e precisas, quanto à conceituação de ambos os institutos. Inferimos, das colocações dos superiores mensageiros do Consolador, que a fatalidade relacionada

com os acontecimentos da vida tem origem no livre-arbítrio, que é o seu fulcro natural. Em assim sendo e lhes passando a palavra — “A fatalidade não existe senão para a escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova: ao escolhê-la ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria conseqüência da posição em que se encontra. Falo das provas de natureza física, porque, no tocante às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o seu livre- arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir.”

Há, pois, dois aspectos a serem considerados:

— a prova de natureza física é, deterministicamente, cumprida, decorrente, entretanto, da livre escolha do Espírito;

— a prova de natureza moral dependerá, para a sua consecução, do ambiente em que encarnará o Espírito, podendo ceder ou não às tentações, porque, neste caso, “o Espírito, conservando o seu livre-arbítrio sobre o bem e o mal, é sempre senhor de ceder ou resistir”. Destarte, se ele resiste aos “reclamos da vida mundana”, e segue o caminho reto do bem, a sua prova há-de ter bom termo. Dependeu, sem embargo, de sua luta para não se deixar seduzir pelo “canto de sereia” dos prazeres ou pelos convites aparentemente cativantes da corrupção moral. Neste particular, ocorreria um como determinismo, porque tudo se efetivou de acordo com a sua vontade anteriormente manifestada, que, porém, aos olhos dos que vêem apenas o efeito, desconhecendo a causa, acreditam ser aquele procedimento assumido pelo indivíduo um fato que deve atribuir-se ao destino. Quando, por outro lado, ele não consegue resistir às sedutoras e amorais exigências ambientais, o estado de aprovação em que antes o Espírito se engajava, de “moto-próprio”, vai por água



abaixo, porquanto ele não teve condições de oferecer resistência capaz de fazer valer os seus reais objetivos. E, diante dos cruciais problemas por que atravessamos, em que os valores sociais são os mais conspurcadores possíveis, torna-se cada vez mais difícil o exercício do livre-arbítrio direcionado para o bem, conquanto tenhamos a inestimável ajuda dos planos espirituais esclarecidos que tentam, respeitando, evidentemente, nossa liberdade de ser e agir, intuir-nos para as veredas do procedimento com Jesus e para Jesus.

Essas e outras revelações dos Espíritos expressam o quanto somos importantes para a construção de sociedades compatíveis com as íntimas e imperiosas aspirações de progresso moral e intelectual de todo aquele que volve a este plano na sadia expectativa de superar as suas fraquezas, ante a voragem dos males terrenos. E concluímos com esta exortação:

“Alma! Doma o querer! Vence o passo erradio!

Falena — subirás em vôos prodigiosos,

Nume estelar transpondo o bátrio sombrio!”

## A ENCARNAÇÃO DE ESPÍRITOS

Em A GÊNESE (edição LAKE), no Capítulo XI, insere-se um pequeno ensaio sobre a “encarnação de Espíritos”, com aquela peculiar e kardeciana clareza.

O referido ensaio tem início com uma sucinta e consolidada definição de Espírito, que, “por sua essência espiritual, é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma ação direta sobre a matéria; era-lhe necessário um intermediário”. Esse intermediário é o

Perispírito (vocábulo criado por Allan Kardec) — “envoltório fluídico que de certa forma faz parte integrante do Espírito”. É, em síntese, o corpo semimaterial, “participante da matéria, por sua origem, e da espiritualidade, por sua natureza astral”. A sua gênese, afirmaram os Espíritos ao Codificador, deflui do fluido cósmico universal. Esse envoltório, que modernamente leva o nome de “mediador plástico”, era conhecido das civilizações antigas, não exatamente como “artigo de fé”, mas sim, por força da observação. O Perispírito possibilita ao Espírito “agir sobre a matéria tangível, tornando-o um ser concreto, definido e apreensível”.

“O fluido perispiritual é, pois, — acrescentam os Espíritos —, o traço de união entre o Espírito e a matéria.” E, no correr de sua união com o corpo biológico funciona como veículo do Espírito para transmitir movimentos às diversas partes do organismo, “as quais se agitam sob o impulso de sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores”.

E a encarnação?

Elucida-se, no corpo do ensaio *sub judice*, o seguinte:

“Quando o Espírito deve se encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que nada mais é senão uma expansão de seu perispírito, o liga ao germe em cuja direção ele se sente atraído por uma força irresistível, desde o momento da concepção.”

Destarte, à proporção que o germe se desenvolve, firma-se o laço. “Sob influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une,

molécula por molécula, ao corpo que forma; daí pode-se dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, de alguma forma, toma raiz no germe, como uma planta na terra.” No momento em que o germe está desenvolvido, “a união é completa”, e o Espírito renasce para a vida exterior ou para a vida corpórea, perdendo, assim, a consciência de si mesmo, “de modo que ele nunca é testemunha consciente de seu nascimento”. E, por outro lado, esquecido de seu passado, sem perder, contudo, as faculdades, as qualidades e aptidões adquiridas em anteriores existências.

E a desencarnação?

Na desencarnação, a união do perispírito com o corpo físico, “que se havia realizado sob a influência do princípio vital do germe”, cessa quando essa força cessa de agir, resultando na desorganização do corpo. Então, “o Espírito recupera sua liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito”.

“Morrer — entretanto — esclarece Joanna de Ângelis — não é consumir-se. Da mesma forma que a matéria se desorganiza sob um aspecto para reassociar-se em outras manifestações, o Espírito se ausenta de uma condição

— a de encarnado —, para retornar à situação primeira da sua existência — despido do corpo material” — In. ESTUDOS ESPIRITAS — FEB.

Após o decesso, a integridade do Espírito é total

— “Suas faculdades adquirem mesmo uma penetração maior,

ao passo que o princípio da vida se extingue no corpo, e isto é prova evidente de que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas. E os Espíritos ensinam que a desencarnação é, algumas vezes, “rápida, fácil, doce e invisível”. Outras vezes, porém, “é lenta, laboriosa, horrivelmente penosa”; e, de acordo, é claro, com o estado moral do Espírito, “pode durar meses inteiros”. Ocorre, todavia, que não há solução de continuidade na vida espiritual. “O Espírito é sempre ele, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação é apenas uma fase especial da sua existência.”

## A MORAL E A INTELIGÊNCIA

A sentença abaixo está inscrita no bojo de O LI- RO DOS ESPÍRITOS (Ed. LAKE) — Livro Quarto — Esperanças e Consolações — Capítulo I:

“Com uma organização social previdente e sábia o homem não pode sofrer necessidades, a não ser por sua culpa. Mas as próprias culpas do homem são freqüentemente o resultado do meio em que ele vive. Quando o homem praticar a lei de Deus, disporá de uma ordem social humana fundada na justiça e na solidariedade e com isso ele mesmo será melhor.”

Na realidade, infelizmente, não existe, sobre a face da Terra uma “organização social previdente e sábia”, onde os seus componentes vivam em paz e felizes, porque, afinal de contas, o progresso moral ainda é incipiente, embora o intelectual alcance índices surpreendentes. Há, pois, um flagrante desnível entre um e outro, conquanto os Espíritos da Codificação afirmem que o progresso intelectual, desenvolvendo o livre-arbítrio, aumente a responsabilidade, impondo, ao homem, maior compreensão do bem e

do mal. Contudo, Kardec, sempre em busca de maiores esclarecimentos, indaga:

“Como se explica, então, que os povos mais esclarecidos sejam freqüentemente os mais pervertidos?”

Redargüiram-lhe os Espíritos:

“ — O progresso completo é o alvo a atingir, mas os povos, como os indivíduos, não chegam a ele senão passo a passo. Até que tenham desenvolvido o senso moral, eles podem servir-se da inteligência para fazer o mal. A moral e a inteligência são duas forças que não se equilibram senão com o tempo.”

À luz dessas postulações, proferidas há mais de um século, e diante dos graves problemas que atravessa a Humanidade, conclui-se que muito falta para que as sociedades consigam estabelecer um perfeito equilíbrio entre o progresso material e o progresso moral. Na verdade as sociedades se organizam não segundo as leis de Deus, mas segundo as leis do homem, suscitando, em decorrência, as gritantes disparidades econômicas, políticas e culturais, dando ensejo a numerosos conflitos que têm como fundamento a busca da justiça e da equidade, fontes perenes dos direitos inalienáveis da criatura humana. Todavia, esses movimentos, embora cultivados, em princípio, sob a égide de sadios e fecundos propósitos tendem, de ordinário, para a violência e o arbítrio, desnaturando-se no próprio nascedouro, porque estão comprometidos com ideologias que nada têm de comum com os ordenamentos divinos.

Entretanto, e apesar dos descaminhos da Humanidade, eis que o Espírito São Luís declarou a Allan Kardec, ao final do Capítulo II,

de *O Livro dos Espíritos*:

“— O bem reinará na Terra quando entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons superarem os maus. Então eles farão reinar o amor e a justiça, que são fonte do bem e da felicidade. É pelo progresso moral e pela prática das leis de Deus que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e afastará os maus.”

E, mais adiante:

“A transformação da Humanidade foi predita e chegou a esse momento em que todos os homens progressistas estão se apressando... Então os Espíritos maus, que a morte ceifa diariamente, e todos os que tentem deter a marcha das coisas, serão excluídos, porque estariam deslocados entre os homens do bem, cuja felicidade perturbariam. Irão para mundos novos, menos adiantados, cumprir missões penosas, nas quais poderão trabalhar pelo seu próprio adiantamento ao mesmo tempo em que trabalharão para o adiantamento dos seus irmãos ainda mais atrasados.”

Enquanto isso...

“E ainda agora, quando fatores variados conspiram na vida moderna contra a serenidade, a paz e a edificação cristã, entre os homens, recorda a necessidade de orar, orar sem cessar, para que o vendaval das paixões não te possa carregar na sua fúria.” Joanna de Ângelis — In *Espírito e Vida* — LEAL.

## AS CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE

Em OBRAS PÓSTUMAS, o Codificador do Espiritismo alude às CINCO ALTERNATIVAS DA HUMANIDADE, que resultam das

doutrinas do Materialismo, do Panteísmo, do Deísmo, do Dogmatismo e do Espiritismo.

E o ilustre lionês vai dissecando uma por uma dessas crenças religiosas e filosóficas, a partir da Doutrina Materialista, que afirma, *a priori*, ser a inteligência do homem “uma propriedade da matéria, que nasce e morre com o organismo”, concluindo: “O homem é tão nada antes, como é nada depois da vida corporal.”

Kardec aponta as conseqüências dessas postulações materialistas, que conduzem os seus profíctos a certos e obscuros posicionamentos diante da vida. “Não sendo senão matéria — argumenta-se — o homem não tem de reais e invejáveis senão os gozos materiais; as afeições morais são efêmeras, os laços morais, a morte os rompe para sempre; as misérias da vida não têm compensações...”.

A propósito, essas idéias, que constituem regras de comportamento dos materialistas, foram analisadas por Kardec na “Revue Spirite”, de agosto de 1868. Infere-se das postulações kardequianas expostas nesse artigo, que o materialismo conseguiu se impor, com sucesso, face à fragilidade dos princípios espiritualistas até então vigentes.

E chega a afirmar: “É incontestável que as crenças espiritualistas do tempo passado são insuficientes para o atual; não se acham no nível intelectual da nossa geração e são, em muitos pontos, contraditadas pelos dados seguros da ciência; sustentam idéias incompatíveis com as necessidades positivas da sociedade moderna; incorrem, além disso, na grande falta de impor-se pela fé cega e proscrever o livre exame.”

A Doutrina Panteísta, por seu turno, prega que o princípio inteligente (alma) independente da matéria, está espalhado por todo o Universo, mas individualiza-se em cada ser durante a vida, e volta, pela morte, à massa comum, como voltam ao oceano as águas da chuva.

Logo, acrescenta Kardec — “Sem individualidade e sem consciência de si mesmo, o ser é como se não existisse. As conseqüências morais desta doutrina são exatamente as mesmas do materialismo.”

A Doutrina Deísta compreende duas ordens bem distintas: os deístas *independentes e os providenciais*.

Os *independentes* crêem em Deus e admitem todos os seus atributos como criador. “Deus — dizem — estabelece as leis gerais, que regem o universo; mas essas leis uma vez estabelecidas, funcionam por si só, sem que o seu autor cuide delas. As criaturas fazem o que querem ou o que podem, sem que Ele com isso se importe.”

Comentando o absurdo dessas informações dos deístas independentes, o Codificador adverte: “Não há providência, e desde que Deus não se ocupa conosco, nada temos que lhe pedir e menos que lhe agradecer. Quem nega a intervenção da providência na vida do homem faz como a criança, que se julga com bastante capacidade para dispensar a tutela, os conselhos e a proteção dos pais; ou pensa que estes não se devem mais ocupar com ela, desde que lhe deram o ser.”

E conclui:



“Esta crença é filha do orgulho e encerra o pensamento de libertar-se de um poder superior, que fere o amor-próprio de cada um.”

No tocante ao deísta providencial, informa o Codificador: “Este crê não somente na existência e no poder de Deus, como também em sua intervenção incessante na criação; não admite, porém, o culto externo, nem o dogmatismo atual.”

Não há comentários de Kardec sobre os deístas providenciais. Entretanto, parece-nos, que a crença deísta admitindo radicalmente a intervenção incessante de Deus na criação, limita, de todo, o livre-arbítrio, uma conquista do Espírito, na sua caminhada evolutiva.

A Doutrina Dogmática prega que a alma, independente da matéria, é criada para cada ser, mas sobrevive à morte e conserva a sua individualidade depois dela. Entretanto, observa Kardec: “O seu destino é, desde aquele momento irrevogavelmente fixado; os seus progressos ulteriores são nulos, sendo, por conseguinte, intelectual e moralmente, e para sempre, o que era quando acabou na vida.”

“Esta doutrina — adverte Kardec — deixa sem solução os seguintes e graves problemas:

1. Donde vêm as disposições inatas, intelectuais e morais que fazem os homens nascer bons ou maus, inteligentes ou idiotas?
2. Qual o destino dos que morrem na infância?
3. Qual o destino dos loucos e idiotas, que não têm consciência de seus atos?
4. Onde o cunho de justiça nas misérias e enfermidades de nascença quando não resultantes de nenhum ato da vida presente?

5. Qual o destino dos selvagens e de todos os que morrem, por força maior, no estado de inferioridade moral em que os colocou a natureza, se nada lhes é permitido ulteriormente?

6. Por que criou Deus uns mais favorecidos que outros?

7. Por que chamar da vida, prematuramente, os que poderiam progredir, se vivessem mais tempo, uma vez que não lhes é dado fazê-lo depois da morte?

8. Por que a criação de anjos, sem nenhum trabalho, elevados à perfeição, quando o homem é submetido às mais rudes provas, em que tem mais probabilidade de sucumbir do que sair vitorioso?”

Finalmente, Kardec tece considerações sobre a Doutrina Espírita, cujos postulados refutam, por si sós, o corpo de idéias das doutrinas antecitadas, destacando:

“O princípio inteligente é independente da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida é o mesmo para todas as almas, sem exceção, todas são criadas simples e ignorantes e estão submetidas à lei do progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas ou mais favorecidas que outras; os anjos são almas elevadas à perfeição, depois de terem passado, como as outras, por todos os graus da inferioridade.”

Permitimo-nos encerrar este trabalho, com as seguintes conclusões kardequianas, que julgamos suficientes para se ter uma consolidada visão dos princípios esposados pelo Espiritismo, particularmente em face do que enunciam as alternativas doutrinárias e/ou filosóficas da humanidade, distanciadas da Terceira Revelação:

“A vida Espiritual é a normal; a corpórea não passa de uma fase transitória da vida do Espírito, enquanto este reveste o invólucro

material de que se despoja pela morte. O Espírito progride no estado corporal e no espiritual; aquele, porém, lhe é necessário até que tenha alcançado determinado grau de perfeição.”

Afinal de contas, “O Espírito é que é o ser. A individualidade está nele. É nele que residem os predicados. Ignorância ou conhecimento, estupidez ou inteligência, vícios ou virtudes, capacidade ou incapacidade, atraso ou adiantamento mental, tudo está no Espírito. As faculdades psíquicas não se acham no corpo, mas na alma, e a acompanham em sua imensa trajetória, aperfeiçoando-se constantemente até que possa tornar-se perfeito como o Pai celestial é perfeito.” (A EVOLUÇÃO — C. Imbassahy)

## O QUE É DEUS

“O que é Deus?”

Indaga Allan Kardec dos Espíritos tutelares da Codificação.

“— Deus é a inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas.”

A resposta dos Emissários de Jesus encerra toda a grandiosa potência de vida.

Mas, o mestre lionês, desejando saber mais sobre o Criador, tenta estabelecer comparação entre Deus e o Infinito, culminando por perquirir se Deus e o Infinito seriam uma e a mesma coisa.

“— Definição incompleta” — retrucam os Invisíveis.

Finalmente, não se pôde chegar a uma conclusão do que seria Deus, embora o próprio Kardec, em comentários de rodapé,

arrematasse o complexíssimo assunto com estas palavras: “Deus é o infinito nas suas perfeições, mas o Infinito é uma abstração; dizer que Deus é o Infinito é tomar o atributo de uma coisa por ela mesma, definir uma coisa ainda não conhecida por outra que também não o é.”

Entretanto, João, o Evangelista, num rasgo de mística inspiração, afirmará “Deus é Amor!”.

Essa exclamação do Profeta de Patmos, faz-nos volver àquela sobre Deus e o Infinito. Não se sabe, exatamente o que é Deus, nem tampouco o que é o Infinito, assim como não se sabe o que é o Amor. E o Amor a que se reportou João seria o amor não impregnado de passionalismo, mas o Amor transcendental, abstrato, infinito, desconhecido, a bem da verdade, de nós Espíritos, “filhos do Calvário”, que mourejamos, neste plano de provas e expiação, em busca de melhores dias.

Destarte, se Deus e o Amor são ainda indefiníveis, não quer dizer, porém, que não os sintamos no fundo da alma, onde vibram, latentes, porque essência da nossa própria essência.

Em futuro ignoto, mas absolutamente certo, Deus se nos revelará, em Sua majestade, e não apenas através de Suas obras, e vivenciaremos, plena e espiritualmente, a ERA DO AMOR...

## A TESE DE CÁRITAS

Em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, de Allan Kardec, há belíssimas e esclarecedoras mensagens de diversos

Espíritos de hierarquia superior.

Destacamos a de Cáritas, “martirizada em Roma”, transmitida na cidade de Lyon, França, 1861.

É uma página escrita com muita simplicidade e clareza, mas com fortes traços de emoção. Ê, em verdade, um veemente apelo às almas dos homens não apenas daquela recuada época (segunda metade do século XIX), mas de todos os tempos, conclamando-os à prática abençoada da Caridade. E assim inicia o Espírito a mensagem: “Chamam-me Caridade, sou o caminho que conduz a Deus: segui-me porque eu sou a meta a que vós todos deveis seguir.”

O corpo da exortação de Cáritas aborda o problema profundo e multissecular das misérias morais e materiais do homem. É a tese de “Humanitas”, dirigida aos corações bondosos para que assistam e amparem os que vivem “lá embaixo cuja cesta está sem pão, a lareira sem fogo, o leito sem cobertura”. A esses infelizes e degredados das comodidades materiais, Cáritas “lhes sopra aos ouvidos” que Deus existe e que não abandona nenhum de seus filhos.

A visão de Cáritas das infelicidades humanas é realista e pungente; ela fala de coração para corações; “... Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e logo sem abrigo, atormentados por todos os sofrimentos da necessidade, eles que jamais mendigaram, a implorar a piedade dos passantes.” A mensagem de Cáritas é atual, e sê-lo-á sempre, até que se instale neste Orbe, o primado do Amor, fonte perene da fraternidade e da igualdade entre todos os homens, sem diferença de casta, cor ou credo, segundo prega o Evangelho de Jesus.

É, enfim, uma página que nos convida à meditação e ao exame consciente e sincero de nossos deveres e responsabilidades para com os que sofrem. E finaliza:

“Segui-me, pois, meus amigos, a fim de que eu vos possa contar entre os que se alistam sob a minha bandeira . . . Sede intrépidos: eu vos conduzirei pela via da salvação, pois eu sou a Caridade.”

## A INICIAÇÃO DE ALLAN KARDEC

A iniciação de Denizard Hippolyte León Rivail no Espiritismo procedeu-se de modo especial. Ele próprio, em OBRAS PÓSTUMAS (Edição LAKE) conta, em mi-núncias, os seus trâmites: “Foi em 1854 que ouvi falar pela primeira vez em mesas girantes. Encontrando-me um dia com o Sr. Fortier, magnetizador que eu conhecia, havia muito, disse-me ele:

— Sabeis que se acaba de descobrir no magnetismo uma singular propriedade? Parece que não somente as pessoas se magnetizam, mas também as mesas que giram e andam à nossa vontade.

— É com efeito singular — respondi-lhe —, mas isso não me parece rigorosamente impossível. O fluido magnético, espécie de eletricidade, pode muito bem atuar sobre corpos inertes e fazê-los mover.”

Era, assim, e pelo que deixa transparecer, o primeiro contato de Hippolyte Léon com os problemas a que, mais tarde, iria dedicar, com acendrado vigor, o resto de sua existência terrena.

Algum tempo depois daquele memorável encontro com o Sr.

Fortier, outro de não menos importância se daria entre ambos, e como que reiniciam o diálogo sobre o mesmo assunto, então acrescido de surpreendentes detalhes: além de girar e andar, a mesa “falava” — “perguntam e ela responde”, afirmou-me o Sr. Fortier. Esta nova versão deixou o futuro Codificador da Doutrina Espírita senão de todo incrédulo, pelo menos bastante intrigado, respondendo ao interlocutor:

“ — Isso é outra questão. Só acreditarei se vir ou se me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Até então, permita-me que considere isso uma história fabulosa.”

É justo e certo que o ilustre lionês duvidasse, não propriamente das palavras do Sr. Fortier, mas do fato em si. Ele era, por natureza, um investigador; um homem que viria, ao fim de seu trabalho com os Espíritos, ser cognominado, com absoluta razão, de “o bom-senso encarnado”. E lhe passamos a palavra:

“Coloquei-me na posição dos incrédulos dos nossos dias, que negam porque não podem compreender os fatos.” E ele, em princípio não os compreendia. Parecia-lhe, e ele mesmo afirmou, um absurdo atribuir inteligência a uma coisa material. Além do mais, o acontecimento fugia a todo e qualquer processo, à época conhecido, sobre os mecanismos da lei da natureza. A idéia de uma mesa falante não podia entrar em seu cérebro.

No ano seguinte, isto é, em 1855, Hippolyte Léon encontra o Sr. Carlote, velho amigo, que também lhe fala do fenômeno que já o preocupava. E foi a primeira vez que ouviu algo sobre a comunicação dos Espíritos. Admirava o Sr. Carlote, dedicando-lhe especial

afeição, embora permanecesse irreduzível quanto a aceitação, pura e simples, daquelas revelações. E este, profeticamente, lhe disse:

“ — Um dia serás dos nossos.”

Ao que Hippolyte Léon respondeu:

“ — Não digo que não; veremos mais tarde.”

A precisão do Sr. Carlote se cumpriu à risca.

Em maio de 1855, Hippolyte Léon comparecia à casa da Sr<sup>a</sup>. Plainemaison, na Rua Batelière, 18, acompanhada do Sr. Pâtier, respeitável funcionário público. Pôde, então, constatar, “de visu”, fenômenos mediúnicos que se processavam. E as mesas giravam e corriam, ante os seus olhos plenos de admiração. Viu, também, alguns ensaios, grosseiros, de escrita mediúnica em uma ardósia, com o auxílio de uma cesta. E, nesse momento, passamos-lhe, mais uma vez, a palavra: “Longe estava eu de afirmar as minhas idéias mas ali se deparava um fato, que devia ter uma causa. Entrevi, ocultos naquelas futilidades aparentes, e entre aqueles fenômenos de que se fazia um passatempo, algo de muito sério, talvez a renovação de uma nova lei, que fiz o propósito de descobrir.” E de fato descobriu, elucidando-a pela investigação séria e metódica, não apenas para aquele punhado de gente, mas para a Humanidade. E foi justamente nas sessões da Sr<sup>a</sup>. Plainemaison que travou relações com a família Baudin, que morava na Rua Rochecourt, onde se realizavam notáveis reuniões mediúnicas.

“Foi ali — informa Hippolyte Léon — que fiz os meus primeiros estudos sérios sobre o Espiritismo, não tanto pelas revelações, como pelas observações. Apliquei a esta ciência o método



experimental, não aceitando teorias preconcebidas, e observava tudo atentamente, comparava e deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava elevar-me às causas pela dedução e encadeamento dos fatos, não admitindo por valiosa uma explicação senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.”

E conclui:

“Compreendi logo a gravidade da tarefa que iria empreender, e entrevi naqueles fenômenos a chave do problema, tão obscuro e tão controvertido, do passado e do futuro da Humanidade, cuja solução vivi sempre a procurar; era, enfim, uma revolução completa nas idéias e crenças do mundo.”

No ano seguinte, em 1856, participava das reuniões espíritas da Rua Tiquetone, em casa do Sr. Roustan e Srt<sup>a</sup>. Japhet. O trabalho do emérito Codificador dos ensinamentos dos Espíritos estava quase todo concluído. Todavia, sentia a necessidade de levá-lo à apreciação de outros Espíritos, através de diferentes médiuns.

“Foi assim que mais de dez médiuns prestaram a sua assistência ao trabalho e foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, aparecida a 18 de abril de 1857.”

No frontispício da obra, insculpia-se o pseudônimo que adotou: Allan Kardec, segundo fora conhecido, em transata existência, entre o povo gaulês. Estava assim restaurada, conseqüentemente, a Doutrina do Consolador, em sua pureza e transcendência.

## O SILÊNCIO DA CONSCIÊNCIA

Na questão 392, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Capítulo VII, Allan Kardec formula aos Espíritos, a seguinte pergunta:

“Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do passado?”

E obteve esta resposta: “ — O homem nem pode nem deve saber tudo; Deus assim o quer na sua sabedoria. Sem o véu que lhe envolve certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como aquele que passa sem transição da obscuridade para a luz. Pelo esquecimento do passado ele é mais ele mesmo.”

A expressão “ele é mais ele mesmo”, segundo Herculano Pires, em nota de rodapé, seria mais correta, embora a frase em francês — “Par l’oubli du passé il est plus lui-même”, significa que — Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.

O certo é que o Espírito, salvo raríssimas exceções, não se recorda de sua(s) vida(s) transata(s), ou, mais exatamente, do que fez ou deixou de fazer em existência(s) precedentes(s). Imaginem o que sucederia a um Espírito, presentemente reencarnado, se se lembrasse de atos escabrosos perpetrados contra os seus semelhantes, em passado próximo ou remoto? Essas lembranças poderiam suscitar sérios distúrbios de imprevisíveis conseqüências, embora não se descarte a idéia de que os fatos antes acontecidos, fiquem, indelevelmente, registrados. Esses registros, segundo as elucidações a respeito constantes da resposta em referência, vêm a tona “quando o Espírito entra em sua vida de origem”, a vida espiritual. Assim, todos os atos da existência passada se desenrolam diante dele. E mais, “ver as faltas cometidas e que são causa do seu sofrimento, bem como aquilo que

poderia tê-lo impedido de cometê-las; compreende a justiça da posição que lhe é dada e procura então a existência necessária a reparar a que acaba de escoar-se”.

E aí se resume a sabedoria divina que propicia ao Espírito faltoso a possibilidade de, em face das ações praticadas, proceder a uma reavaliação de sua conduta, justificando-se, pois, as suas agruras e reveses. É no silêncio da consciência, longe do burburinho da vida de relação, que o Espírito, através da “visão panorâmica de seus atos e de suas naturais conseqüências, passa a entender, sobretudo, os ditames das leis de Deus capitulados no Evangelho”.

## OS ESPÍRITOS GLÓBULOS

Há pessoas que se vissem algum Espírito ou teriam uma síncope, ou ficariam pregadas ao chão, mudas e de olhos esbugalhados ou, em último caso, sairiam em disparada. Mas, existem os que adorariam ver Espíritos; possuir a faculdade de vidência. Essa faculdade resulta, porém, de uma aptidão especial, “cuja causa — afirma A. Kardec em a Revista Espírita, n.º 2 — fevereiro de 1860 — , ainda é desconhecida e que pode desenvolver-se, mas que seria provocada em vão se não existisse a predisposição natural”. Faz-se necessário que se acautele contra as ilusões que podem ser suscitadas pela vontade de a possuir, e que deram lugar, segundo Kardec, “a tantos sistemas estranhos”.

A teoria das visões e aparições fora desenvolvida pelo Codificador em vários artigos inseridos nos números da Revista Espírita de dezembro de 1858, fevereiro e agosto de 1859 e em O LIVRO DOS MÉDIUNS.

“Os Espíritos — esclarece Kardec — podem ser vistos sob vários aspectos, dos quais o mais freqüente é a forma humana.” Sua aparição normalmente se dá sob uma forma vaporosa e diáfana, vaga e imprecisa. A princípio (não raras vezes), é um clarão esbranquiçado cujos contornos se desenham pouco a pouco. Outras vezes as linhas são mais acentuadas e os menores traços do rosto desenhados com notável precisão. As atitudes e o aspecto são os mesmos que possuía o Espírito quando em vida. Podendo dar todas as aparências ao seu perispírito (que lhe constitui o corpo etéreo) ele se apresenta sob a que melhor pode torná-lo reconhecido. Mostrar-se-á estropiado, coxo ou corcunda, se o julga conveniente para ser identificado. Os Espíritos vulgares quase sempre têm a roupa que costumavam usar no último período de sua vida. Os Espíritos superiores têm sempre um rosto belo, nobre e sereno; ao contrário, os inferiores têm a fisionomia vulgar, “espelho onde se refletem as paixões mais ou menos ignóbeis, que os agitavam” (Kardec); às vezes trazem, ainda, os traços dos crimes que praticaram, ou dos suplícios que sofreram. Informa Kardec que, “salvo circunstâncias particulares, as partes menos bem desenhadas são geralmente os membros inferiores, ao passo que a cabeça, o peito e os braços são sempre traçados claramente” — Revista Espírita — fevereiro 1860.

Afirmamos, linhas passadas, que a aparição tem algo de vaporoso. Em certos casos poder-se-ia compará-la à imagem refletida num vidro, sem estanho, que não impede de ver os objetos que estão atrás. Muito comumente assim são vistas pelos videntes: estes as vêem ir, vir, entrar, sair, circular em meio aos vivos, dando a impressão de tomar parte ativa no que se passa em seu redor e interessar-se conforme o assunto, escutando o que se comenta. Este escriba, a

propósito, em um círculo experimental nesta Cidade de Salvador, já registrou, juntamente com outros companheiros, a presença dessas entidades, praticamente visíveis. Elas iam e vinham da cabina para a sala onde estávamos, com um desembaraço surpreendente.

Por vezes essas entidades se aproximam das pessoas, sopram-lhes idéias, influenciando-as, consolando-as, mostrando-se tristes ou contentes conforme o resultado obtido.

Pode suceder, entretanto, que o Espírito assuma uma forma mais nítida e tome todas as aparências de corpo sólido. A tangibilidade é flagrante — pode ser tocado e apalpado esse corpo, sentir-lhe a resistência e até mesmo o calor, como um corpo animado, apesar de poder dissipar-se com a rapidez de um raio. A aparição desses seres é raríssima e sempre acidental e de curta duração, dependendo de uma série de fatores.

A aparição tangível é muito rara. A História registra uma série imensa desses fenômenos que, por mais extraordinário que pareçam, “desaparece todo o sobrenatural, desde que se conheça a explicação e, então, compreende-se que, longe de ser uma derrogação das leis da Natureza, são a sua aplicação” — obra citada.

Elucida Kardecem o número da Revista referida:

“Quando os Espíritos assumem a forma humana não é possível nos enganarmos. Já não é o mesmo quando tomam outras aparências.” E acrescenta: “Não falamos de certas imagens terrestres refletidas pela atmosfera, e que puderam alimentar a superstição de gente ignorante, mas de alguns outros efeitos sobre os quais até homens esclarecidos puderam enganar-se. É sobretudo aí que nos devemos pôr em guarda

contra a ilusão, para não nos expormos a tomar, como Espíritos, fenômenos puramente físicos.”

E surge, então, o problema dos *Espíritos Glóbulos*. A causa dessa aparência – informa o mestre lionês – “está mesmo no ar, mas também pode estar no olho. O *humor aquoso* apresenta pontos imperceptíveis, que perderam a transparência; estes pontos são como corpos semi-opacos, em suspensão no líquido, cujos movimentos e ondulações acompanham. Produzem no ar ambiente e a distância, por efeito do aumento e da refração, *a aparência de pequenos discos, por vezes irisados, variando de 1 a 10 milímetros de diâmetro.*” (Grifos nossos). Certas pessoas tomam esses discos por Espíritos familiares, que as seguem por toda parte. Esses discos, dizem elas, não só as acompanham, mas ainda lhes seguem todos os movimentos: vão para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo, ou param, conforme o movimento da cabeça. Quando sobem é porque foram solicitados pelo movimento, em sentido ascendente; chegando a uma certa altura, se o olho se fixar, vê-se o disco descer lentamente, depois parar. Sua mobilidade é extrema, e um movimento imperceptível do olho fá-lo-á percorrer no raio visual toda a amplitude do ângulo em sua abertura no espaço, onde se projeta a imagem.

E, para finalizar, passamos a palavra a Allan Kardec:

“Os únicos sinais que, realmente, podem atestar a presença de Espíritos são os sinais inteligentes. Enquanto não ficar provado que as imagens, de que acabamos de falar, ainda que dotadas de forma humana, têm movimento próprio, espontâneo, com evidente caráter intencional e acusando vontade livre, nisso teremos apenas fenômenos fisiológicos ou ópticos. Repetimos: enquanto um efeito não for

inteligente por si mesmo e independente da inteligência dos homens devemos olhá-lo duas vezes antes de atribuir aos Espíritos.”

Não foi sem razão que Flammarion o chamou de “o bom-senso encarnado”...

## ENSAIO SOBRE O PRINCÍPIO DO POVOAMENTO DA SOCIEDADE

Nos finais do século XVIII, o reverendo Thomas Robert Malthus publicou, na Inglaterra, o seu famoso e discutido: UM ENSAIO SOBRE O PRINCIPIO DO POVOAMENTO DA SOCIEDADE, CONTENDO OBSERVAÇÕES SOBRE AS IDÉIAS DE MR. GODWIN, MR. CÔNDORCET E OUTROS AUTORES.

As postulações malthusianas causaram verdadeiro “frisson” nos meios científicos da época, suscitando acerbos polêmicas. Na realidade, era difícil estabelecer-se um consenso sobre, principalmente, a adoção de medidas eficazes e não constrangedoras de controle da natalidade, diante da já então constatada “explosão demográfica”. Levantar-se-iam, mais tarde, e face ao crescente agravamento da situação, duas grandes premissas, ainda objeto de discussão na atualidade: ficaria o controle da natalidade ao arbítrio da família ou seria uma atribuição estatal, traçando-lhe as coordenadas a serem seguidas compulsoriamente? Em termos de “mundo ocidental”, a primeira hipótese seria a mais viável, argumenta-se, dadas as tradições de liberdade e de democracia, apanágios de suas instituições políticas e sociais, embora se reconheça a urgência da implantação do sistema. No tocante ao chamado “terceiro mundo”, a coisa mudaria de figura, conquanto, nessa área, predominem determinados valores culturais inerentes às sociedades do “mundo livre”. Mas, há uma circunstância de profunda relevância a ser

lembrada: a extrema pobreza de algumas de suas regiões, cuja densidade demográfica vem causando sérios impasses. Nesses casos, quais as providências que deveriam ser postas em prática, sem violentar a liberdade de ser e de agir de seus habitantes? No Brasil, particularmente, um país “em desenvolvimento”, discute-se, a nível legislativo e ministerial, como deve ser operacionalizada a política de controle da natalidade, tendo em vista a criação de um “Programa de Atendimento Integral à Saúde da Mulher”, segundo notícia veiculada no jornal A TARDE, de Salvador (edição de 20/06/83). A filosofia do Programa referido, é, basicamente, a seguinte: “Em qualquer posto de saúde a mulher teria direito a um atendimento ginecológico, informação sobre planejamento familiar e até mesmo o anticoncepcional, se assim o desejar.”

E, segundo as autoridades: “O único dispositivo legal a ser observado é o Código Penal, em seus artigos 24 e 126, que proíbe o aborto, a não ser para salvar a vida da gestante.” Afora esse impedimento legal, o controle da natalidade seria uma opção do brasileiro, embora se admita a necessidade de uma sistemática campanha de esclarecimento. A nível extra-oficial, entretanto, vale salientar, entre outras iniciativas, que não aquelas patrocinadas por alguns meios de comunicação sensacionalistas, em programas de variedades, o recente encontro promovido pela Fundação Emílio Odebrecht, realizado na Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP, sob o título — COMO FAZER E O QUE NÃO FAZER EM PLANEJAMENTO FAMILIAR NO BRASIL. Nesse Encontro defendeu-se o que preconiza a chamada “Lei de Limiar de Eficiência”, citada por Ivan Ilhiche, segundo a qual “a partir de certo limite toda superpopulação torna-se contraproducente”. Em tese, segundo os seus



defensores, estaria concorde com o problema da miséria, particularmente em termos de Brasil, chegando-se a afirmar que “o amor mútuo, universal, mas sobretudo o conjugal e familiar está ameaçado, comprimido por uma prole numerosa, indesejada e mal-assumida”.

Não temos conhecimento das conclusões dos debates de Campinas; todavia, imbui-nos a certeza de que os *experts* em “explosão demográfica” analisaram a problemática sob o prisma eminentemente à luz da vida de relação no plano corpóreo. Não se pretende, de modo algum, invalidar os conceitos então esposados. Busca-se, em verdade “conter o crescimento da miséria, como se esta se devesse apenas à paternidade irresponsável e não à contínua reprodução e reprodução das classes miseráveis como efeito do próprio sistema social. E, a respeito, recorreremos ao conteúdo de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, cuja óptica, abrangente e plurilateral, atinge o indivíduo e a organização social. Preliminarmente, vejamos o que se insere no Capítulo IV — Lei de Reprodução, em que Allan Kardec propõe a seguinte questão: “687 — Se a população seguir sempre a progressão constante que vemos, chegará um momento em que se tornará excessiva na Terra?

— Não — responderam os Espíritos, e acrescentaram — Deus a isso provê, mantendo sempre o equilíbrio. Ele nada faz de inútil. O homem, que só vê um ângulo do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.”

Vale aduzir, à resposta dos Espíritos, os comentários de rodapé do tradutor da obra, J. Herculano Pires: “A população do mundo continua em intenso crescimento (veja-se *Población Mundial*, de A.

M. Carr Saunders, *Fundo de Cultura Econômica*, México, 1939), mas os jogos de equilíbrio da própria Natureza são visíveis para os observadores do movimento demográfico. Por outro lado, na proporção em que cresce a população, a Ciência e a técnica aumentam a possibilidade de produção e de aproveitamento de regiões inabitadas. As apreensões e o pessimismo de Malthus e seus discípulos dão bem um exemplo do que seja *ver apenas um ângulo do quadro da Natureza.*”

Quanto à reprodução, o Codificador, na questão 903, do capítulo antecipado, questiona:

*As leis e os costumes humanos que objetivam ou têm por efeito criar obstáculos à reprodução são contrários à lei natural?*

Antes de passarmos a palavra ao Espírito que respondeu à indagação do mestre lionês, cumpre ressaltar que ele se referia, já àquela época, ao controle da natalidade, de tão complexas e contraditórias opiniões.

Eis, pois, a resposta dada a Kardec:

— *Tudo que entrava a marcha da Natureza é contrário à lei geral.*

Quanto aos meios de subsistência, convém transcrever os comentários de Kardec, insertos no Capítulo V — Lei de Conservação, após o diálogo que manteve com os Espíritos sobre o assunto:

*Se a civilização multiplica as necessidades, também multiplica as fontes de trabalho e os meios de vida; mas é preciso convir que nesse sentido ainda muito lhe resta a fazer. Quando ela tiver realizado*

*sua obra, ninguém poderá dizer que lhe falte o necessário, a menos que o falte por sua própria culpa. O mal, para muitos, é viver uma vida que não é a que a natureza lhes traçou. Há para todos um lugar ao sol, mas com a condição de cada qual tomar o seu e não o dos outros. A Natureza não poderia ser responsável pelos vícios da organização social e pelas conseqüências da ambição e do amor-próprio.*

Surge em seguida, no Capítulo IX — A Lei de Igualdade, o problema da má distribuição da renda, que se depreende da troca de idéias havida entre Kardec e os Espíritos, quando tratam um e outro da “igualdade absoluta das riquezas”, que não seria possível em virtude da diversidade das faculdades e dos caracteres. Entretanto, “a desigualdade das condições sociais — afirmaram os Espíritos — é obra do homem e não de Deus”, no que residiria, a nosso ver, a incompetência de a criatura humana atender com equanimidade, às justas aspirações individuais e coletivas, respeitando-se a diversidade das faculdades e dos caracteres. Mas, o que se constata é um flagrante desnível entre as classes sociais, fato gerador, por sinal, de constantes conflitos.

Como se pode verificar, existe uma considerável gama de implicações que emoldura o problema do controle da natalidade e do planejamento familiar que não pode ser desprezada na formulação das várias teses em voga, razão pela qual ainda não se chegou a um razoável consenso. Afora, porém, aos fatores já apontados, surgem outros tantos, de não menos importância, tal como o da reencarnação e de seus mecanismos, jungidos à inderro- gável lei de causa e efeito, que funciona a níveis espiritual e biológico, com indiscutível e óbvio reflexo na estrutura da organização social, mesmo que interagindo de modo sutil e despercebidamente. Necessitar-se-ia, pois, para se

alcançar um “ente-de-razão” coerente, de larga e aprofundada análise de todo esse formidável processo, fulcro de ambos os sistemas.

O tema, naturalmente, está em aberto, convidando os espíritas à profunda reflexão.

## O EMPREGO DA RIQUEZA

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, livro que integra o pentateuco kardequiano, contém “a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida”. É, pois, um repositório de notáveis esclarecimentos, de autoria de vários e elevados Espíritos, entre os quais destaca-se a figura ímpar de Fénelon, consagrado pensador francês, um dos gênios do Iluminismo (*Filosofia das Luzes*), cujos arrazoados, realmente, se oferecem plenos de reflexões. As suas colocações, v.g., sobre “o emprego da riqueza”, entretítulo do Capítulo XVI, do livro terceiro da Codificação do Espiritismo, são de uma atualidade a toda prova. Tratam, em princípio, da beneficência, “que é — adverte — uma modalidade do emprego da fortuna, porque modera a miséria atual, mitiga a fome, preserva do frio e dá asilo a quem não o possui”. Antes, porém, deixa transparecer o famoso iluminista, dever-se-ia prevenir a miséria. “E essa é, sobretudo — ressalta — a missão das grandes fortunas em prol dos trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar.” Ensinar a pescar — diriam os antigos — é muito mais digno, porque excluiria a aviltante condição de pedinte, de eterno pedinte, que, não raro, leva o indivíduo à inação e, o pior, à marginalidade. O trabalho — prossegue o ilustre compatriota de Kardec — desenvolve a inteligência e realça a dignidade do homem, sempre altivo em poder dizer que ganhou o pão

que come, enquanto a esmola o humilha e degrada.”

A beneficência, em termos que tais, não se resumiria a, apenas, propiciar comida aos que têm fome, vestuário aos que sentem frio, abrigo aos desabrigados; mas, acima de tudo, oferecer-lhes condições de trabalho que os levem a uma situação de progresso moral e intelectual.

Finalmente, conclui o articulista do Além: “Fazer a esmola quando necessária, mas, tanto quanto possível, converte-la em salário, a fim de que, quem a receba, não se envergonhe.”

O paternalismo, destarte, uma constante nos meios religiosos, tem, é inegável, os seus méritos; todavia, devem lutar, todas as forças vivas da Sociedade, de nossa Sociedade, em busca de soluções para o grave problema, gerado pela má distribuição da renda, pelos desníveis regionais, por um sistema educacional aquém da realidade e das aspirações de ponderável parcela da população.

## A PARABOLA DOS TALENTOS

O Capítulo XVI de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, uma das obras integrantes do pentateuco kardequiano, encerra preciosos comentários sobre a Parábola dos Talentos, extraída do Evangelho de Mateus, Capítulo XXV, v. 14.

De entre esses comentários, destacamos aquele que nos parece de autoria do próprio Allan Kardec, embora não leve o seu nome. O estilo, dentro daquela linha de coerência e objetividade características do mestre lionês, reforça a nossa suposição. Assim sendo, tomemos a dissertação a respeito da passagem evangélica, como da lavra do

## Codificador dos princípios básicos da Doutrina Espírita.

O arrazoado fundamenta-se na palpitante questão da desigualdade das riquezas, “um dos problemas que em vão se procura resolver, ao considerar-se apenas a vida atual”. Após esta breve, porém incisiva colocação, Kardec indaga: “Por que motivo não são todos os homens igualmente ricos?” E ele próprio responde, nestes termos: “Não o são pelo fato muito simples de não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirirem a riqueza, nem sóbrios e previdentes para a conservarem.”

“Ademais — continua Kardec — está matematicamente demonstrado que a fortuna igualmente repartida daria a cada pessoa bem pequena e insuficiente parcela.” De fato. Além desse processo provocar o desequilíbrio econômico, criaria outros graves e decorrentes problemas de profunda repercussão social. Recorda-nos, a propósito, o que aconteceu ao círculo apostólico de Jerusalém, após a desencarnação do Mestre Jesus, quando se pretendeu instituir um “fundo comum de participação”, igualando-se, todos, econômica e financeiramente.

Essa experiência comunitária viria encontrar fortes obstáculos que tenderam à sua dissolução. E por quê? Pelos mesmos motivos já apontados por Kardec, além das diferenças de caracteres, e sobretudo, pelas inevitáveis pressões ambientais, além das fronteiras do grupo. Talvez, porém, desse certo se se tornasse hermético quais certas ordens religiosas, que se isolam... e se estiolam.

Utópica seria, pois, qualquer tentativa de se estabelecer paridade econômica e financeira entre os homens, porque iria de encontro a naturais anseios de desenvolvimento das potencialidades

morais e espirituais, acicates que impulsionam os Espíritos para frente e para o alto.

Um dia, talvez, vivamos em sociedade onde prevaleça a justiça social e a equitativa distribuição da renda, com base nas leis naturais, porquanto a igualdade, em termos absolutos, como se pretende, torna-se impraticável, levando-se em consideração que a perfeição é infinita; e, destarte, sendo infinita, onde a igualdade plena?

Enquanto isso, procuremos, a todo o custo, tentar pôr em prática os ordenamentos evangélicos, ponto de partida para a consecução de nossos mais lídimos e transcendentais desiderates: a conscientização das realidades da existência, em espírito e verdade!

## A HISTÓRIA DO MENINO MARCELO

De o livro O CÉU E O INFERNO, de Allan Kardec, extraímos a história de “Marcelo — o menino do n. 4”.

Marcelo era uma criança de oito a dez anos, internado em um hospital de província. Designaram-no pelo n.º 4. Inteiramente contorcido pela doença, era presa de grande sofrimento.

O menino Marcelo demonstrava possuir rara inteligência, a par de notável paciência e resignação. Passamos, agora, a palavra a Allan Kardec que relatará, com uma certa minúcia, o inusitado caso desse Espírito que soube suportar com profunda e edificante dignidade a sua desdita:

“O médico que o assistia, cheio de compaixão pelo pobre um tanto abandonado, visto que seus parentes pouco o visitavam, tomou por ele certo interesse. Achava-lhe um quê de atraente na precocidade

intelectual.

Um dia, disse-lhe o menino:

— *Doutor, tenha a bondade de me dar ainda uma vez aquelas pílulas ultimamente receitadas.*

— *Para quê? — replicou-lhe o médico — se já lhe ministrei o suficiente, e maior quantidade pode fazer-lhe mal...*

— *Ê que eu sofro tanto, que dificilmente posso orar a Deus para que me dê forças, pois não quero incomodar os outros enfermos que aí estão. Essas pílulas fazem-me dormir e, ao menos quando durmo, a ninguém incomodo”.*

Kardec, tocado pelas palavras do menino, comenta:

“Onde teria ido essa criança haurir esses sentimentos? Certamente não foi no meio em que se educou. Tais sentimentos eram-lhe inatos; mas, então, por que se via condenado ao sofrimento, admitindo-se que Deus houvesse concomitantemente criado uma alma assim tão nobre e aquele mísero corpo, instrumento dos suplícios?”

E completa:

“Ê preciso negar a bondade de Deus, ou admitir a anterioridade de causa; isto é, a preexistência da alma e a pluralidade das existências.”

Conta, ainda, o Codificador, que os últimos pensamentos daquela criança, ao desencarnar sob o império de outros sofrimentos, foram para Deus e para o caridoso médico que dela se condoeu e o assistiu até o fim, com amor e carinho.



Decorrido algum tempo, foi esse Espírito evocado na Sociedade de Paris, dando a seguinte e esclarecedora comunicação: “A vosso chamado, vim fazer com que a minha voz se estenda para além deste círculo, tocando todos os corações. Oxalá seu eco se faça ouvir na solidão, e lhes lembre que as agonias da Terra têm por premissas as alegrias do Céu; que o martírio não é mais do que a casca de um fruto delectável, dando coragem e resignação.”

Discorreu, Marcelo, ainda, sobre o progresso do Espiritismo que, segundo a sua opinião, acertada, por sinal, será a “pedra de toque” do evoluir moral do Espírito, que tem como poderoso acicate a dor, em suas variadas e renovadoras manifestações. Marcelo contraíra pesados débitos, violando os preceitos das leis divinas. A sua desdita não fora em vão, apesar de, “aos olhos do mundo”, parecer um castigo. Mas, e intimamente ele o sabia, como todos sabem, Deus jamais castiga a qualquer de seus filhos — Ele oferece fecundas e retificadoras oportunidades de resgate; e resgatando, o Espírito se liberta de suas pesadas cargas morais. Deus pelo que nos esclarecem os bons Espíritos, não quer que andemos no trilho, seguindo à risca, e ortodoxamente, os seus ordenamentos, quer que andemos na trilha, onde se nos oferecem amplas possibilidades de pensar e agir segundo nosso entendimento. Quando erramos é porque ainda não nos encontramos amadurecidos o bastante para entender que o único e grandioso instrumento de nossa reabilitação é o Amor... e o AMOR É DEUS!

## CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Na Parte Segunda de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Capítulo I, Allan Kardec indaga:

*81. Os Espíritos se formam espontaneamente, ou procedem uns dos outros?*

“Deus os cria, como a todas as outras criaturas pela Sua vontade. Mas, repito ainda uma vez, a origem deles é mistério.”

Quer nos parecer que o Codificador, quando fez a pergunta, tinha em mente o problema dos “Espíritos in- criados”, isto é, aquelas entidades surgidas, por assim dizer, mediante “geração espontânea”.

A resposta completa aqueloutra referente ao número 78 do mesmo Capítulo, quando Kardec, procurando saber se os Espíritos tiveram princípio, ou existem, como Deus de toda a eternidade, recebeu o seguinte esclarecimento:

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, quando, ao invés, são criação Sua, e se acham submetidos à Sua vontade.”

Não há, como se pode depreender, exceções. Todos os Espíritos são criados por Deus. “Quanto, porém, ao modo por que nos criou e em que momento o fez, nada sabemos”, completou o Espírito que respondia as indagações do mestre lionês.

Desse modo, o único ser cuja criação é uma incógnita é Deus. Os demais foram por Ele criados. Pensar de modo diferente seria não simplesmente ir de encontro aos ensinamentos dos Espíritos da Codificação, mas, sobretudo, da própria Inteligência Suprema. Seria como que subdividir o processo da criação, admitindo-se a existência de criaturas com poderes extraordinários e equiparados a Deus. E o conceito expedido pelos Espíritos no Capítulo I, do livro antecitado, de que Deus é a causa primária de todas as coisas, ruiria, porque

haveria quem não precisou d'Ele para *espiritualmente nascer*. Destarte, também não precisaria do Todo-Poderoso para *biologicamente* nascer, contrariando, neste caso, os ditames sagrados e determinísticos da encarnação a que todos estamos subordinados, o que, a nosso ver, é um contra-senso, considerando as elucidações dos Espíritos insertas no Capítulo VI, do livro em apreço, sobre os objetivos e justiça da reencarnação:

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles.” Dos enunciados acima expostos, podemos concluir que todos os Espíritos são criados por Deus e evoluem através das vidas sucessivas, numa caminhada lenta e sacrificial, rumo à perfeição — o fim último da vida.

Esses princípios, ditados pelos Espíritos tutelares da Codificação, impõem-se pela lógica de que se revestem, sendo infrutíferas as tentativas de lhes diminuir a veracidade. E as pesquisas atuais vêm comprovar que as informações colhidas por Allan Kardec são absolutamente verdadeiras, restando, apenas, que se universalizem e penetrem a couraça da incredulidade que até hoje reveste as consciências encarnadas e desencarnadas, estabelecendo, assim, o Primado da Razão e do amor a Deus, como o Ser Criador do Universo e de todos os seres que o habitam nas suas infinitas latitudes.

## A ESMOLA

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 888, A. Kardec faz a seguinte pergunta: Que pensar da esmola?

— O homem reduzido a pedir esmolas se degrada moral e

fisicamente: se embrutece. Numa sociedade baseada na lei de Deus e na justiça deve-se prover a vida do fraco sem humilhação para ele. Deve-se assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem deixá-los à mercê do acaso e da boa vontade.

Face à resposta do Espírito, o Codificador indaga: 888-a. Então condenais a esmola?

O Espírito comunicante (São Vicente de Paulo), oferece a Kardec e à posteridade um pequeno ensaio sobre a Caridade, abordando-a sob diversos ângulos. Lá às linhas tantas, argumenta:

“É necessário distinguir a esmola propriamente dita da beneficência. O mais necessitado nem sempre é o que pede. Sede portanto caridoso, não somente dessa caridade que nos leva a tirar do bolso o óbolo que friamente atirais ao que ousa pedir-nos, mas ide ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes para com os erros dos nossos semelhantes. Em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os. Sede afáveis e benevolentes para com todos os que vos são inferiores; sede o mesmo para com os mais ínfimos seres da criação, e tereis obedecido à lei de Deus.”

A mensagem é de uma simplicidade cristalina; entretanto, reflete verdades incontestáveis. A maioria das pessoas não se conduz conforme especificou a esclarecedora entidade. E o que ela recomendou se encontra no bojo do Evangelho de Jesus, que é a “Constituição moral da Humanidade” elaborada à luz das leis naturais. Entende-se, por aí, que a caridade se limita, apenas, à satisfação de necessidades materiais. Não resta a menor dúvida que a caridade material é válida, sendo acessível a todos; todavia, a caridade moral que deveria estar no cerne da vida de relação é pouquíssimo posta em

prática.

E a caridade, em sua maior e lídima expressão, como afirmou Paulo de Tarso, “é paciente, é benigna; não é invejosa, não se ensoberbece. Não é ambiciosa, não busca seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre” (1.<sup>a</sup> Epístola aos Coríntios).

Mas, o problema não é se fazer uma revisão do conceito de caridade, embora se propague, à larga, essa necessidade; deve-se, acreditamos, promover um trabalho de reflexão íntima, possibilitando ao homem uma reavaliação de sua visão da vida e das coisas do mundo. Sentir que ele é capaz de imprimir às instituições sociais um outro rumo adequado às prioridades humanas. É claro que esta é uma proposta aparentemente utópica no atual estágio de desenvolvimento moral da Humanidade. Mas, é o único caminho, a nosso ver, para se atingir um consenso ético a nível do que postula o Evangelho de Jesus. Ali se consubstanciam as normas e diretrizes para a consecução do desiderato, que poderia ser cumprido a longo prazo, é verdade, caso levassem a sério os seus ordenamentos. De qualquer sorte, a caridade, segundo se concebe na atualidade, está realmente de acordo com o que o homem pensa sobre a vida e o porquê da vida, cujo sentido espiritual fica ao sabor de superficiais especulações filosóficas...

## COMUNICAÇÃO À BEIRA DO TÚMULO

Antonio Costeau, contemporâneo de Allan Kardec, fora membro da Sociedade Espírita de Paris. Desencarnando a 11 de setembro de 1863, teve o seu corpo sepultado no dia seguinte (12) em vala comum, no cemitério de Montmartre.

Segundo as próprias palavras do Codificador do Espiritismo, era um homem de bom coração que a Doutrina reconduziu a Deus. Fora, quando encarnado, um espírita na acepção literal do vocábulo. À beira do túmulo, no momento em que baixavam o modesto esquife, falou, em nome da Sociedade, o Sr. Canu, antigo materialista. As palavras do então secretário da instituição, fundada por Allan Kardec, foram tocantes, verdadeiras. Era um ex-materialista que afirmava, ali, de público, a imortalidade da alma. No final, antecipando-se àquela famosa despedida de Camille Flammarion ante os despojos de Allan Kardec, exclamou:

“— Caro irmão, até breve, ore por nós!”

E ali mesmo, diante da sepultura aberta, um dos médiuns da Sociedade obteve emocionante comunicação, espontânea, do Espírito Antonio Costeau. “Era de fato — acrescenta o mestre lionês — um espetáculo novo e surpreendente esse de ouvir palavras de um morto, recolhidas do seio do próprio túmulo.”

Eis, então a mensagem do “morto”:

“Obrigado, amigos, obrigado. O meu túmulo ainda nem mesmo de todo é fechado, mas, passando um segundo, a terra cobrirá meus despojos. Vós sabeis, no entanto, que minha alma não será sepultada nesse pó, antes pairará, no espaço, a fim de subir até Deus.”

Três dias depois, o Espírito Antonio Costeau era evocado em um grupo familiar (muito comum àquela época) e se exprimiu através de outro médium (que não tivera conhecimento da comunicação anterior), com a veemência de antes, entremeando, em seu discurso, esta expressão — “A morte é a vida!” Allan Kardec ao registrar esses

fatos, revestidos de tocante simplicidade, ofereceu valioso testemunho da imortalidade pessoal e do processo de comunicação da alma do plano físico. Deve-se ressaltar, a propósito, que esse tipo de comunicação, imediatamente após o decesso, é hoje em dia muito raro. Tivemos a especial oportunidade de, durante um sepultamento, numa cidade do interior, assistir a uma manifestação do Espírito cujo corpo se iria sepultar. Foi um “Deus nos acuda”. Muitos julgaram que o médium estava fingindo; outros pensaram que ele estava sendo manipulado por entidades obsessoras. Não houve quem acreditasse que ali poderia realmente estar falando o Espírito do “morto”. Negava-se o fato sem quaisquer exames, o que contraria as recomendações kardecianas a respeito. E o enterro era de um espírita, promovido por espíritas...

## A NOMENCLATURA ESPÍRITA

É difícil para o neófito entender a nomenclatura espírita. E essa dificuldade é uma das maiores e importantes barreiras à comunicação dos postulados da Doutrina codificada por Allan Kardec. Aqueles, pois, que chegam a um Centro Espírita pela vez primeira, e ouvem o doutrinador lançar ao ar termos quais *clarividência*, *aparição estereológica*, *perispírito* etc., ficam realmente, sem compreender não apenas tais vocábulos, mas, sobretudo, o próprio conteúdo da mensagem. Assim vamos relacionar algumas expressões e seus respectivos significados tirados da Codificação Espírita e de obras complementares, esperando possam contribuir para uma melhor compreensão do que ensinam os princípios fundamentais do Espiritismo:

## AGÊNERE

Variedade de aparição tangível, estado de certos Espíritos que podem revestir, momentaneamente, as formas de uma pessoa viva a ponto de iludir os observadores.

## APARIÇÃO ESTEREOLÓGICA

A que é palpável e apresenta a consistência de um corpo sólido.

## APARIÇÃO ETÉREA

A que é impalpável e inatingível, e não oferece nenhuma resistência ao toque.

## CLARIVIDÊNCIA

Propriedade inerente à alma e que dá a certas pessoas a faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da visão.

## ERRATICIDADE

Estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados, durante os intervalos de suas diversas existências corpóreas. Os Espíritos errantes são felizes ou desgraçados segundo o grau de sua purificação. É nesse estado que o Espírito, tendo despido o véu material do corpo, reconhece suas existências anteriores e os erros que o afastam da perfeição e da felicidade. É então, igualmente, que ele escolhe novas provas, a fim de avançar mais depressa.

## ENCARNAÇÃO

Estado dos Espíritos que revestem um invólucro corporal.



## EXPIAÇÃO

Pena que sofrem os Espíritos como punição das faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, sofrimento moral, ocorre no estado de erraticidade, como o sofrimento físico ocorre no estado corporal.

## ÊXTASE

Paroxismo da emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. O êxtase é, algumas vezes, natural e espontâneo; pode, também, ser provocado pela ação magnética, e neste caso, é um grau superior de sonambulismo.

## INVOCAÇÃO E EVOCAÇÃO

Estas palavras não são sinônimos perfeitos, embora tenham a mesma raiz — *vocare*: chamar. É um erro empregá-las uma pela outra. *Evocar* é chamar, fazer vir a si; evocar Espíritos. *Invocar* é chamar a si ou seu socorro um poder superior. Invoca-se Deus pela prece. A invocação está no pensamento; a evocação é um ato.

## LIVRE-ARBÍTRIO

Liberdade moral do homem; faculdade que ele tem de se guiar pela sua vontade na realização dos seus atos.

## MANIFESTAÇÃO

Ato pelo qual um Espírito revela a sua presença. As manifestações são: ocultas, patentes, físicas, espontâneas, provocadas, aparentes.

## MEDIANIMIDADE

Faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Se quisermos fazer uma distinção, poder-se-á dizer que mediunidade tem um sentido mais geral e *medianimidade* um sentido mais restrito. Exemplo: fulano possui o dom da mediunidade — a medianimidade mecânica.

## MÉDIUM

Toda pessoa que sofre, de alguma maneira, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium. Esta faculdade é inerente ao homem, por conseguinte, não é um privilégio. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente. Distinguem-se diversas variedades de médiuns: *tiptólogos, de aparição, escreventes ou psicógrafos, pneumatógrafos, desenhadores, falantes, inspirados, de pressentimentos, videntes etc.*

## PERISPÍRITO

O perispírito é o liame que une o Espírito à matéria; é tomado, pelo Espírito, do meio ambiente, do fluido universal; contém ao mesmo tempo eletricidade, fluido magnético, e, até certo ponto, a própria matéria. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, porque a vida intelectual pertence ao Espírito. É, além disso, o agente das sensações externas. No corpo, estas sensações estão localizadas nos órgãos que lhe servem de canais. Destruído o corpo, as sensações se tornam generalizadas.

## PNEUMATOGRAFIA

Escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão do médium.

## PNEUMATOFONIA

Comunicação verbal e direta dos Espíritos sem o auxílio dos órgãos da voz do médium.

## PSICOGRAFIA

Transmissão do pensamento dos Espíritos por meio da escrita, pela mão do médium.

## PSICOFONIA

Transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz do médium.

## REENCARNAÇÃO

Volta dos Espíritos à vida corporal. A reencarnação pode dar-se imediatamente após a morte, ou após um lapso de tempo mais ou menos longo. A reencarnação é progressiva ou estacionária e nunca retrograda. Em suas novas existências corporais o Espírito pode decair em posição social, mas não como Espírito.

## SEGUNDA VISTA

Efeito da emancipação da alma que se manifesta no estado de vigília. Faculdade de ver as coisas ausentes como se estivessem presentes. Aqueles que dela são dotados não vêem pelos olhos, mas pela alma. Certas pessoas a possuem sem saber: elas lhe parecem um efeito natural, e produzem o que denominamos de visões.

## SEMATOLOGIA

Transmissão do pensamento dos Espíritos por meio de sinais, tais como: pancadas, batidas, movimento de objetos.

## SONAMBULISMO

Estado de emancipação da alma, mais completo do que no sonho. O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a faculdade de ver, que é um dos atributos de sua natureza, é mais desenvolvida.

## SONILOQUIA

Estado de emancipação da alma, intermediário ao sono e ao sonambulismo natural. Aqueles que falam sonhando são soníloquos.

## TRANSFIGURAÇÃO

O perispírito do homem tem as mesmas propriedades do Espírito, e não fica encerrado no corpo; irradia-se e forma em torno dele uma atmosfera fluídica. Figuremos, agora, o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, passível se torna das mesmas modificações de que o seria, se o corpo estivesse separado. Perdendo ele sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, ficar velado, como se mergulhado numa bruma. Poderá, então, o perispírito mudar de aspecto e apresentar-se conforme a vontade do Espírito, se este dispuser de poder para tanto. Entretanto, um outro Espírito, combinando seus fluidos com os do primeiro, poderá, a essa combinação de perispírito, imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte que o corpo real desapareça sob um envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito.

Maiores explicações podem ser colhidas nas obras da Codificação Espírita e naquelas que lhes são complementares.

## ANTE O TÚMULO DE ALLAN KARDEC

A 2 de abril de 1869, sepulta-se em Paris, o corpo de Denizard Hippolyte Léon Rivail.

Na oportunidade, vários oradores fizeram uso da palavra. Entretanto, o discurso de Camille Flammarion, que vem inserto em OBRAS PÓSTUMAS, edição LAKE, além de constituir-se numa belíssima peça de oratória, traça um perfil dos mais fidedignos da própria Doutrina Espírita.

Camille Flammarion não se limitou em apenas tecer elogios à figura ímpar do mestre lionês; seria tão desnecessário quanto impróprio. Ele não estava, em verdade, diante de Allan Kardec, mas daquele corpo ora impassível que conduziu o Espírito do Codificador, durante algum tempo, na romagem terrena, quando desenvolveu, por desígnio superior, a grandiosa missão de codificar com extrema lucidez e incomparável lógica, os ensinamentos dos mensageiros do Consolador.

Reverenciava, Flammarion, naquele momento, a memória de Allan Kardec, prestando-lhe — *o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão útil e dignamente preenchida. O ato era sobretudo simbólico. E, a certa altura, exclama: Que é o corpo humano?* — Esta indagação, parece-nos, reboou pelo cemitério de Montmartre, perpassando por entre os túmulos cheios de *morte*, para depois completar: *O corpo cai, mas a alma ergue-se e volta ao espaço.* Ali, entre tantos corpos *caídos*, enunciava-se a mensagem imortalista de esperança e certeza numa vida muito além daqueles jazigos, morada última do corpo perecível.

Todavia, as palavras de Flammarion não estavam destituídas de tristeza e saudade. Sentir-se-ia a falta que iria fazer a presença física, moral e intelectual de Allan Kardec, no momento em que a Doutrina Espírita distendia os seus ensinamentos além-fronteiras francesas para ganhar a Europa e as Américas. Mas, certamente, *já estava escrita* a partir do Codificador para o mundo que ajudou a revelar numa contribuição inesquecível à causa do Espírito nestas plagas de provas e expiações.

Na questão 692, do Capítulo IV de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS, que trata da Lei de Reprodução, Allan Kardec faz as seguintes perguntas:

— O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência é contrário à lei natural? Seria mais conforme a essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal?

— Tudo se deve fazer para chegar à perfeição, e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir o seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins.

Infere-se, da resposta dos enviados do Consolador, que é lícito a busca da perfeição mesmo se adotando meios artificiais. O que importa verdadeiramente, segundo os Espíritos, é o progresso. Portanto, as experiências científicas em torno do aprimoramento de espécies animais e vegetais, e acreditamos do próprio ser humano, encontram guarida e cabal justificativa na obra primeira da Codificação Kardecista.

Destarte, as experiências híbridas e a inseminação artificial que têm por objetivo o aperfeiçoamento das espécies e como que um

impulso que o homem — criatura de Deus e co-criador de Sua Obra Infinita — imprime ao processo natural de desenvolvimento dos que compõem os reinos animal e vegetal. Entretanto, ainda que tais procedimentos sejam motivados por interesses pessoais e econômicos, não invalida a sua importância, e isso no-lo dizem os Espíritos:

— Que importa que o seu mérito seja nulo, conquanto que se faça o progresso? Isto quer dizer que esses experimentos, embora possam contrariar, aparentemente, a Lei Natural, no fundo traduzem uma íntima aspiração do Espírito imortal que luta para libertar-se de suas inferioridades, rumo à perfeição, fim último e transcendental da existência.

Desse modo enganam-se aqueles que pensam que o Espiritismo é refratário aos avanços da chamada *engenharia genética*, nos planos animal e vegetal, e, quiçá, no plano hominal...

Mais tarde, projetou-se a construção de um *dólmen*, nome atribuído aos monumentos sepulcrais dos celtas, de que se originou o pseudônimo Allan Kardec.

Construiu o monumento o escultor francês Charles Romain Capellaro, no cemitério Père-Lachaise. E, no dia 31 de março de 1870, o *dólmen* era inaugurado, com a presença de grande número de espíritas. Na face direita do pedestal, insculpiu-se a seguinte legenda: *Tout effet a une cause. Tout effet intelligent a une cause intelligent. La puissance de la cause est a raison de la grandeur de Teffet.* No bordo frontal da pedra gravou-se a inscrição que resume, em si, todo o edifício moral e espiritual da Doutrina Espírita: — *Naitre, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi.*

## EDUCAÇÃO — CHAVE DO PROGRESSO MORAL

Em O LIVRO DOS ESPÍRITOS, entre as questões 917 e 918, insere-se uma bela mensagem de autoria do Espírito Fénelon, sobre o egoísmo, denominado, pelo ilustre ex-iluminista\* francês, de *praga social*.

Ele analisa, minudentemente, mas com rara precisão, o problema, remotando à estrutura da organização social, *desde a família até os povos da choupana ao palácio*.

O remédio que prescreve para extirpação do mal, conquanto admita que suas causas são múltiplas e complexas, é a educação. Vão *essa educação* — diz ele — *que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem*. E sentencia: *A educação, se for bem compreendida será a chave do progresso moral*.

Educação, para o notável pensador, é uma arte, *aquela arte de manejar caracteres e de manejar inteligências*. Entretanto, ele chama a atenção: *essa arte, porém, requer muito tato, muita experiência e uma profunda observação*. E vai tecendo algumas críticas à velha e consolidada idéia de que os métodos aplicáveis à educação, motivadores da inteligência, não seriam suficientes para um satisfatório aprimoramento de caráter humano, oferecendo a seguinte proposta: *Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência*.

O primado dessa tese, ainda não caracterizado, contribuiria, sensivelmente, para elevar o nível moral da própria Humanidade, porque aí estaria o antídoto aos inferiores sentimentos que vigem nos recessos da alma. E o egoísmo desponta como o maior desses sentimentos, *aquela* — observa — *que engendra o orgulho, a*



*ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme*, molas propulsoras, sem dúvida, das conturbações sociais.

As colocações de Fénelon antecedem, no tempo, aquelas formuladas pelos *experts* em educação, conquanto estejamos longe de instituí-las, a contento, em nossos dias, porque, basicamente, a educação repousa no consagrado sistema de capacitar o indivíduo para atender às prioridades econômico-sociais, o que é justo, e, sobretudo, coerente, tendo em vista o processo de desenvolvimento em que os povos se espenham, mas que não atende, realmente, às realidades moral e espiritual desse mesmo indivíduo. Por outro lado, a profissionalização, objetivo primordial dos sistemas tecnocratas, é fator preferencial para o progresso material; mas, sem dúvida, suscita um inevitável comprometimento com o sistema, em que a luta pela sobrevivência está acima de quaisquer aspirações transcendentais. Estas, imotivadas, ficam ao sabor de esporádicos estímulos, desordenados, conflitantes, não sendo jamais cogitados nos termos em que postula o ideólogo francês. Eis, aí, acreditamos, um dos mais importantes fatores que contribuem para o desnível existente entre o progresso intelectual e moral, sendo aquele cada vez mais evidenciado frente às exigências dos modelos econômicos pragmatizados que visam, é verdade, ao bem-estar do homem, a nível especificamente material, deixando-o, contudo, entregue a si mesmo, com os seus conflitos íntimos e multimilenares, descrente e sem norte, sem lhe oferecer o mínimo de conforto espiritual.

## A BICORPOREIDADE

A questão 119, de O LIVRO DOS MÉDIUNS, reporta-se, basicamente, ao problema da *bicorporeidade*.

Eis, de início, como Allan Kardec aborda o momentoso tema — *O Espírito de uma pessoa viva, afastado do corpo, pode aparecer como de um morto, com todas as aparências da realidade. Pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno* — prossegue o Codificador — *designado por bicorporeidade, que deu lugar às histórias de homens duplos, indivíduos cuja presença simultânea se constatou em dois lugares diversos.*

Contam-se dois casos, a respeito, que são antológicos: um se refere a Santo Afonso de Liguori, canonizado por se haver mostrado, simultaneamente, em dois lugares diferentes, o que foi levado à conta de milagre. O outro é relativo a Santo Antônio de Pádua, que aparece em Pádua, no momento em que pregava na Espanha, para defender o pai, que ia sendo acusado de assassinato.

Allan Kardec, sempre em busca de fatos, evoca o Espírito de Santo Afonso de Liguori que, indagado, sobre ambas inusitadas ocorrências, ofereceu as seguintes respostas:

1. *Podarias dar-nos a explicação desse fenômeno?*

— Sim. Quando o homem se desmaterializar completamente por sua virtude, tendo elevado sua alma a Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: O Espírito encarnado, sentindo chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a algum lugar. Seu Espírito ou a sua alma, como quiseres, abandona então o corpo, seguido de uma *porção* de seu perispírito e deixa a matéria imunda num estado vizinho da morte. Digo *vizinho* da morte porque o corpo permanece ligado ao perispírito e a alma à matéria, por um liame que não pode ser definido. O corpo aparece então no lugar pedido.

2. *Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.*

— Estando desligado da matéria, segundo o seu grau de elevação, o Espírito pode tornar-se tangível.

3. *Ê indispensável o sono do corpo para o aparecimento do Espírito em outros lugares?*

— A alma pode se dividir quando se deixa levar para longe do corpo. Pode ser que o corpo não durma, embora seja isso muito raro, mas então não estará em perfeita normalidade. Estará sempre mais ou menos em êxtase.

Allan Kardec acrescenta, às explicações do Espírito, o seguinte:

*A alma não se divide, no sentido literal da palavra. Ela irradia em várias direções e pode assim manifestar-se em muitos lugares, sem se fragmentar. Ê o mesmo que se dá com a luz ao refletir-se em espelhos.*

A propósito, J. Herculano Pires, em *nota de rodapé* à edição da Editora Cultural Espírita Ltda — São Paulo, elucida:

*Ernesto Bozzano relata casos de comunicações por psicografia ou aparição de pessoas em estado de vigília, mas sempre em momentos de distração. As pesquisas parapsicológicas atuais consideram esses casos como de telepatia, mas sempre admitindo um estado de inconsciência ou semi-inconsciência como condição necessária. Muitos parapsicólogos já admitem fenômeno de 'projeção do eu' que corresponde à 'irradiação da alma' de que trata Kardec na nota seguinte à explicação de Santo Afonso.*

Em seguida, Allan Kardec vai como que desdobrando todo o intrincado assunto, tornando-o, assim, acessível a todos:

*A pessoa que se mostra simultaneamente em dois lugares diversos tem, portanto, dois corpos. Mas desses corpos só um é real, o outro não passa de aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a vida anímica. Ao acordar, os dois corpos se reúnem e a anímica penetra o corpo material. Não parece possível, pelo menos não temos exemplos e a razão parece demonstrar, que, quando separados, os dois corpos possam gozar simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. Ressalta, ainda, do que acabamos de dizer, que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanece visível: a aproximação da morte chama o Espírito para o corpo, mesmo que só por um instante. Disso resulta também que o corpo aparente não poderia ser assassinado, pois não é orgânico e nem formado de carne e osso: desaparece no momento em que se quiser matá-lo.*

E o próprio Allan Kardec sugere, à guisa de subsídio, que o leitor consulte a REVISTA ESPÍRITA de janeiro de 1859, onde se insere o artigo: *O duende de Bayonne*. E além desse, *O liame entre o Espírito e o corpo*, R.E. de maio de 1859; *A Alma Errante*, R.E. de novembro de 1859; *Espírito de um lado e corpo do outro*, R.E. de janeiro de 1860; *Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas, o Doutor V e a Senhora I*, R.E. de março de 1860; *O fabricante de São Petersburgo*, *Aparições tangíveis*, R.E. de abril de 1860; *História de Maria d'Agreda*, R.E. de novembro de 1860; *Uma Aparição Providencial*, R.E. de julho de 1861.

## INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPÓREO

Do capítulo IX, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, relativamente à intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, pinçamos estas perguntas de Kardec:

*Pode um Espírito, momentaneamente, revestir-se do invólucro de uma pessoa viva, quer dizer, introduzir-se num corpo animado e agir em substituição do Espírito que nele se encontra encarnado?*

A resposta é taxativa:

— *O Espírito não entra num corpo como entras numa casa; ele se assimila a um Espírito encarnado que tem os seus mesmos defeitos e as suas mesmas qualidades, para agir conjuntamente.*

E enfatizam, a seguir, que “um Espírito não pode substituir-se ao que se acha encarnado, porque o Espírito e o corpo estão ligados até o tempo marcado para o termo da existência material”.

Elimina-se, assim, a velha e imprópria idéia da possessão, ou seja, a coabitação, simultânea, de dois Espíritos num mesmo corpo. A alma pode encontrar-se na dependência de um outro Espírito, que a *subjuga* ou a *obsidia*, anulando a sua vontade. Essa dominação, ressalte-se, se processa mediante a participação do Espírito encarnado, quer por suas fraquezas, quer, ainda, pelo seu próprio desejo.

Quanto à expressão “possesso”, na sua acepção vulgar, elucida Kardec: “Não se deve entender como a dependência absoluta da alma em relação a Espíritos imperfeitos que a subjugam.”

Esses esclarecimentos vêm também a propósito de certas

informações de determinados “videntes”, que “vêm”, particularmente, em sessões mediúnicas, um Espírito “tomar o corpo” de um médium, como se nele penetrasse.

Eis por que razão se recomenda, nos Centros Espíritas, o estudo sistemático e metódico da Codificação e de obras subsidiárias, por parte de seus freqüentadores, e, em especial, dos que fazem parte de suas reuniões mediúnicas.

Pelo estudo e pela observação se pode, na verdade, preservar os ensinamentos dos Espíritos superiores, impedindo, assim, que informações errôneas venham comprometer a própria unidade doutrinária do Espiritismo.